

MENSAL Nº 56 JANEIRO 2017 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

BRUAÁ

JOSÉ SARAMAGO
HOMEM-RIO

BLIMUNDA

PINTO, LOGO

LIVROS

DIVERSOS

EXISTO

AUTORES ESPANHÓIS
MORTOS EM 1936

ANIMA
COLLEC-
TIVE

4— **editorial**
Desafio e privilégio:
10 anos da Fundação
José Saramago

5— **Leituras**
Sara Figueiredo Costa

12— **Estante**
Sara Figueiredo Costa
Andreia Brites

14— **em breve**
Ricardo Viel

19— ***Animal Collective***
Sara Figueiredo Costa

33— **Autores espanhóis**
mortos em 1936
passam a domínio
público
Ricardo Viel

39— ***Pinto, Logo Existo –***
O milagre Paula Rego
Manuela Correia

46— ***A Casa da Andréa***
Andréia Zamorano

51— **A diversidade edito-**
rial não representa
a diversidade dos
leitores
Andreia Brites

64— **10 livros diversos**
editados em Portugal
Andreia Brites

68— ***And The winner Is...***
Andreia Brites

69— **Visita Guiada**
Bruaá
Andreia Brites

84— **Espelho Meu**
Andreia Brites

89— ***Saramaguiana***
José Saramago
Homem-Rio
Inês Fonseca Santos

99— **Agenda**

A Fundação José Saramago não nasceu para contemplar o umbigo do autor, afirmou José Saramago quando, no dia 29 de junho de 2007, assinou o documento de criação da instituição. Mais do que trabalhar pela defesa da obra e do pensamento do Prémio Nobel de Literatura, a FJS assume como missão promover a literatura em língua portuguesa, lutar pelo respeito pelos direitos humanos e pela preservação do ambiente.

Em 2008 foi estabelecido um protocolo com a Câmara de Lisboa para que a Casa dos Bicos, privilegiado espaço no coração da cidade, passasse a ser a sede da fundação. Após as necessárias obras de reabilitação, em 2012 o edifício abriu as portas ao público. Desde então, procura oferecer-se uma programação rica e diversificada aos seus frequentadores. Anualmente, milhares de pessoas de diversas nacionalidades visitam a Fundação José Saramago, que já ocupa o seu lugar como um dos pontos de visita na capital portuguesa.

Este ano a FJS completa dez anos de vida, sete deles sem a presença do seu fundador. É um enorme desafio e um grande privilégio trabalhar com as palavras e as ideias de alguém que deixou um legado tão amplo, não só em termos de qualidade literária mas também quanto à intervenção na sociedade.

Desde 2007 organizaram-se homenagens a grandes nomes das letras mundiais como Jorge de Sena, Jorge Amado, Juan Gelman, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Gabriel García Márquez, Miguel de Cervantes e Julio Cortázar; promoveram-se

centenas de encontros que tiveram a literatura como protagonista; marcou-se presença em atividades em defesa dos direitos fundamentais e pelo fim da violência machista; desenvolveram-se trabalhos continuados com escolas e instituições portuguesas; organiza-se, em parceria com a Casa Fernando Pessoa, os “Dias do Desassossego”, ciclo que se realiza em novembro de cada ano e que já faz parte do calendário cultural da cidade; assumiu-se a criação da Declaração Universal dos Deveres Humanos.

Este ano serão realizadas diversas atividades para assinalar os dez anos da Fundação José Saramago (em breve será divulgado o programa). Além de comemorar o aniversário, a celebração servirá também para que se faça um balanço do que foi feito até agora e se pense e planeie o futuro.

Na «Declaração de Princípios» que deixou à Fundação, após elencar uma série de propostas e desejos que gostaria que a instituição cumprisse, José Saramago diz que: «(...)a FJS não poderá resolver nenhum destes problemas, mas deverá trabalhar como se para isso tivesse nascido».

Que assim continue a ser.

Desafio e privilégio: 10 anos da Fundação José Saramago

Blimunda 56

janeiro 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoiros, 10

1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons



GONÇALO VIANA

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 às 18h 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

Vida e obra de Eduardo Mendoza

O escritor catalão Eduardo Mendoza, recentemente distinguido com o Prémio Cervantes, dá ao suplemento *Babelia*, do *El País*, uma entrevista que percorre a sua biografia e os muitos momentos do seu trabalho literário, no qual a sua Barcelona natal assume papel de destaque: «Hablando de cosas que le perseguirán, ¿se siente atrapado entre el *Savolta*, *La ciudad de los prodigios* y *Sin noticias de Gurb*? ¿Se han minusvalorado otros libros suyos, como *Una comedia ligera*? Hay novelas en las que he puesto interés, trabajo, emoción, no sé qué, lo que se ponga en las novelas, pero que no han funcionado. Lo normal es eso, no las campanadas, que en mi caso vinieron de la mano de cosas ajenas a la literatura. *El Savolta* se publica cuando empieza la Transición y todo lo que pasa en ese momento está tocado por una especie de energía atómica. Luego, *La ciudad de los prodigios* coincide con la transformación de Barcelona.



Que muchos empezaron a considerar “ciudad de los prodigios”. Y eso que el título se refería a la ciudad de los pobres infelices que se quedan con la boca abierta con cualquier cosa. Pero de repente Barcelona despegó y se convierte en referente turístico mundial. No puedes pedir que eso pase en cada novela: que el mundo se ponga a tu favor. Quizás las otras no estaban bien planteadas. Hay una, la que menos fortuna ha tenido, a la que le tengo especial cariño: *Mauricio o las elecciones primarias*. Quería dar cuenta de la pos-Transición, del desengaño, del fin de los sueños de una generación. Tal vez no supe transmitirlo. ¿Tal vez porque nos tocaba más de cerca? Puede ser. Es un pasado más próximo que choca con las vivencias de la gente mientras que lo otro eran tierras vírgenes. Lo que nunca he entendido es el fenómeno de *Sin noticias de Gurb*. Me sobrepasa, pero estoy encantado.»



Mil e uma Noites na Argentina

No final do ano passado, Buenos Aires recebeu a 4.^a Semana do Cinema Português, contando com a exibição de filmes de Ivo Ferreira, João Nicolau ou Salomé Lamas, entre outros. Um dos filmes exibido na Argentina foi a trilogia *As Mil e Uma Noites*, de Miguel Gomes, realizador que conversou com a *Revista Ñ* a propósito do seu trabalho. Um excerto: «La impresión es que la política general de su película se cifra en una resistencia que apuesta a la ficción como una inesperada forma de hacerle frente al empobrecimiento general que vive Portugal. ¿Qué lugar ve usted para la ficción en tiempos de crisis? En el momento en que filmé *Las mil y una noches* había una ficción instituida sobre Portugal. Todos los días se enunciaban varias situaciones políticas relacionadas con la Unión Europea; los portugueses habíamos sido inconscientes respecto de nuestra situación, y como conse-

cuencia de ello, teníamos que pasar por un período de purga, un momento de austeridad. A una ficción ruin se la debe llamar mentira. La ficción en el cine no es —o no debe ser— ese tipo de ficción en la que se finge que lo que vemos es la realidad. La ficción así entendida no encubre la realidad a través del imaginario; la ficción aquí tiene que ver con expresar los anhelos y los miedos que estamos viviendo.» Mais adiante, Miguel Gomes fala sobre os seus próximos projetos, nomeadamente sobre o filme que quer fazer a partir da obra de Euclides da Cunha: «¿Cuál es su próximo proyecto? Entiendo que está pensando filmar en Brasil una pieza literaria clásica en la historia de ese país. Se basa en la adaptación de un libro magnífico: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, y de un libro más conocido: *La guerra del fin del mundo*, de Vargas Llosa, que parte de *Os Sertões* para contar la misma historia (el mismo evento histórico). Pero no me interesa el libro de Vargas Llosa, sí el de Euclides. La película estará dividida



em tres partes: “La tierra”; “El hombre”; “La lucha”. Pero en esta ocasión tan solo quiero hacer una película, no tres. ¡Que no se asusten los inversionistas! A pesar de que el libro fue publicado en 1902, tengo la sensación de que no encuentro nada más atual para pensar el mundo en el que estamos hoy. Veremos si no me engaño.»



Zygmunt Bauman **inédito**

Zygmunt Bauman, sociólogo polaco e nome maior do pensamento europeu contemporâneo, morreu este mês aos 91 anos. Tendo visitado Portugal há quatro anos, no âmbito do Festival Literário da Madeira, Bauman deu uma longa entrevista a Vítor Belanciano, do *Público*, fazendo a capa do suplemento *Ípsilon*. Como tantas vezes acontece, parte considerável da entrevista ficou de fora da publicação, pelas inevitáveis contingências de espaço. Assinalando a sua morte, o *Ípsilon* publica agora esse



material que permanecia inédito: «Para além da Europa, assistimos hoje à ascensão de novos poderes como a China, a Índia ou o Brasil, onde o capital parece circular mais intensamente. Mas a questão é se não estarão a fazê-lo replicando um modelo desenvolvido na Europa e nos EUA, que parece estar a mostrar sinais de erosão. Tem razão mais uma vez, eles estão de facto a entrar no jogo inventado e disputado pelo capitalismo, em si uma invenção ocidental; e é de acordo com procedimentos capitalistas, essencialmente parasitários, que depois de praticamente esgotada e extinta a vitalidade dos seus hospedeiros mais antigos se alimentam agora de novas “terras virgens” ainda por depauperar, prometendo-lhes altos lucros no curto prazo. Toda essa deslocalização das finanças planetárias esconde, porém, a grande questão dos “limites naturais” da sustentabilidade do planeta. Estamos já a consumir um planeta e meio, ou seja, consumimos 50% a mais do que o nosso planeta, a nossa casa comum, é capaz de abastecer sem comprometer a capacidade de autorregeneração.

Se a China, a Índia, o Brasil e outros países que seguem o seu exemplo conseguirem atingir o nível de consumo que já se pratica no Ocidente, passarão a ser necessários cinco planetas para satisfazer a procura global. Só que isso não é uma possibilidade. Temos portanto duas hipóteses, e duas apenas: uma é entrarmos numa era de guerras de redistribuição, de alimentos e de outros recursos indispensáveis para sustentar o modo de vida de uma sociedade consumista; a outra é reformarmos o nosso estilo de vida. Apesar de tudo, há mais do que uma maneira de viver uma vida feliz, gratificante e digna.

Parece não existir um grande horizonte de esperança para esta Europa que tem vindo a ser construída. Depois da queda do Muro de Berlim, passámos a confiar no capitalismo global e no progresso tecnológico, e não nos demos ao trabalho de pensar em alternativas.

Parece-lhe que os traumas deixados pelo fascismo e pelo comunismo foram a principal razão que conduziu a esta ausência de um pensamento alternativo?

Não iria ao ponto de dizer que não há esperança para a Europa. A história é feita por seres humanos, e esse é um dos poucos aspetos da nossa existência que é tão imortal como a própria humanidade. E há muitas maneiras de ser humano, tal como há muitas formas alternativas de gerir a vida perseguindo objetivos como a dignidade, a satisfação e a felicidade, formas que não passem pela rivalidade, pela competição de cortar à faca, pelo “crescimento económico” incessante, pela expansão do consumo e consequente esgotamento dos recursos do planeta que se tornaram dominantes no presente. O facto de termos falhado [nessa missão de] encontrar, aceitar, abraçar e praticar estilos de vida alternativos não é de todo resultado dos “traumas deixados pelo fascismo e pelo comunismo”. É uma escolha política, social e cultural, e podemos reverter as nossas escolhas – tanto quanto podemos agarrar-nos a elas.»



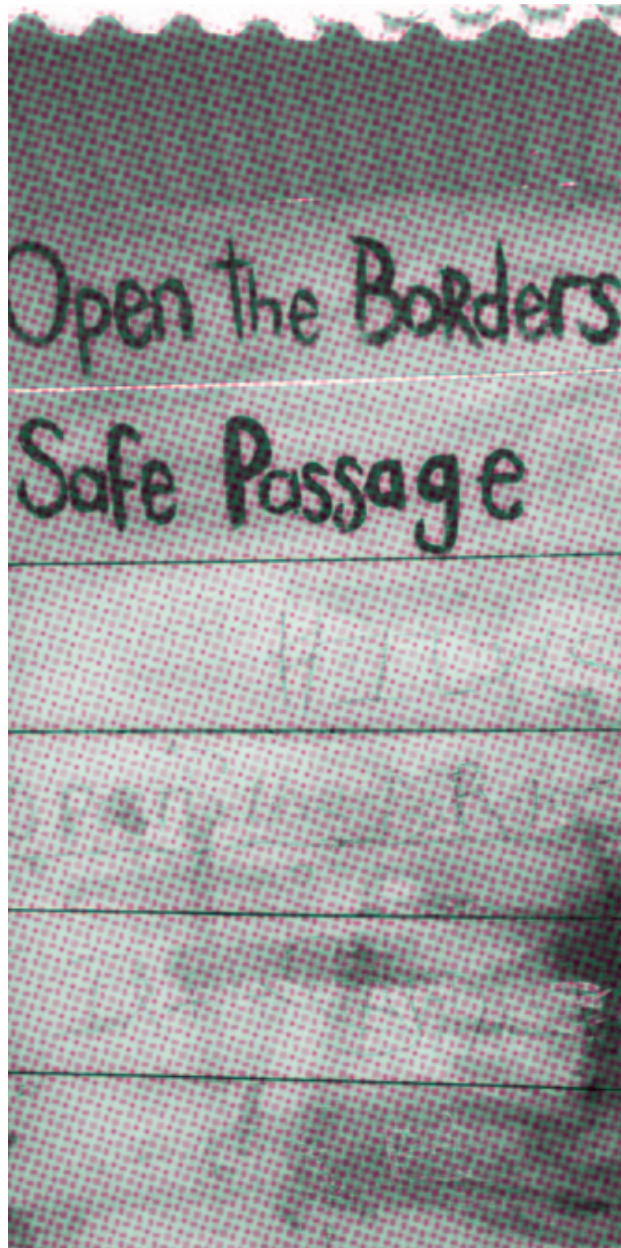
Na Grécia, com os refugiados

Em junho do ano passado, Irene Rodríguez e Marta Pérez, duas ativistas dos direitos humanos, viajaram de Madrid para a Grécia com o objetivo de acompanhar a situação dos refugiados, cada vez mais numerosos. A revista *Alexia* cedeu-lhes um espaço onde pudessem contar o que foram vendo, partilhar as histórias das muitas pessoas que encontraram, entre campos de refugiados sem quaisquer condições humanitárias e espaços ocupados por quem tenta refazer a sua vida longe da guerra e da miséria.

Numa das crónicas, o ponto de partida das duas ativistas é claro: «¿Por qué queréis ir ahí?», nos pergunta el hombre que hace el check-in en el hostel cuando le contamos que al día siguiente vamos a ir a visitar el hotel City Plaza, uno de los edificios okupados en Atenas donde conviven 300 personas refugiadas y locales. Es una muy buena pregunta: “¿por qué estamos aquí?”. Hemos venido un tiempo desde Madrid a Grecia a apoyar a los refugiados pero no tenemos

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA



predefinido cómo. Hemos venido solas, sin organizaciones detrás, sin tener una tarea concreta que realizar. Hemos venido con contactos de gentes griegas y españolas que están ya haciendo cosas aquí y con algún dinero de amigas y familiares para gastar en lo que se necesite en los proyectos que encontremos, pues nos dijeron que era mejor eso que llevar cosas desde España, por lo cambiante de la situación y las necesidades. Nos preguntamos cómo es relacionarse con las gentes desde otro sitio, que no es el que ocupan los militares ni las personas que llevan chalecos de ONGs. ¿Es posible acompañar a las personas, construir con ellas las formas de apoyarlas?, ¿se pueden encontrar formas y lugares que rompan con la dicotomía asistencialismo vs acción política?, ¿de qué están hechos esos lugares?, ¿qué límites y qué potencias tienen?

Nos proponemos aprender y construir ese lugar haciendo, sin una respuesta a priori que nos defina los qués y los cómo.» Mais adiante, descrevem os campos de refugiados geridos por militares, mostrando as condições em que estão a ser recebidos

os refugiados que continuam a chegar à Europa, sem terem outro sítio para onde ir: «Están lejos de la frontera, en lugares recónditos. Ha sido todo un trabajo para las gentes que apoyan a las personas trasladadas ir localizando, visitando y conociendo estos campos militares y sus condiciones. Estas son deplorables, tal y como repiten las personas obligadas a vivir en ellos: litro y medio de agua al día por persona y no más; los alimentos son sobre todo arroz y pasta; hay muchos mosquitos, y niños y mayores están llenos de picaduras (pero es más grave en los pequeños porque se rascan más y les producen infecciones); escasea la ropa limpia y el jabón, tanto para lavar la ropa como el cuerpo, así como el agua para lavarse (dos bombas que se rellenan dos veces al día con un camión cisterna). No hay árboles ni vegetación, no hay sombras y no hay nada que hacer en todo el día. El contacto con el exterior está mediado por gentes con uniforme (los militares y/o la policía) y gente con chaleco (las ONGs, sanitarias y también de otros tipos).»



O Palácio do Riso
Germán Marín
Antígona

A memória
escorregadia
da infâmia



Depois de um exílio de dezassete anos em Barcelona, um chileno regressa ao seu país. A ditadura de Pinochet terminou há pouco e o homem pode circular livremente, mesmo que o passado se insinue em cada passo, confirmando que o presente também se faz com a soma do que já aconteceu. Em Santiago do Chile, o homem procura a Villa Grimaldi, velho casarão de estilo colonial transformado pelo regime do ditador em sede da polícia política e centro de tortura e detenção de quantos se opunham a Pinochet. Mais do que a casa, o homem procura entre as sombras do que já não existe algum vestígio que possa revelar o destino de Monica, uma mulher com quem se envolveu há anos e que talvez tenha acabado ali mesmo, trabalhando para o regime. Este é o enredo de que parte *O Palácio do Riso*, narrativa sobre a memória que rapidamente se transforma em texto-denúncia, sublime reflexão sobre o que fazemos com o passado e análise profunda sobre o modo como nem sempre as democracias lidam bem com a herança contra a qual deviam construir-se.

A denúncia das atrocidades cometidas pelo governo de Pinochet atravessa todo o romance, sendo parte da sua matéria estrutural, mas este não é um romance óbvio no sentido de listar torturas e prisões. Germán Marín faz essa denúncia de um modo tão subtil como demolidor através da história desta casa, criando paralelos entre a vida da mansão antes de Pinochet, altura em que o próprio narrador frequentou a casa, propriedade da família de um amigo da escola, a função que esta cumpriu durante a ditadura, com os velhos recantos povoados de histórias de família a serem invadidos pela infâmia do regime, e por fim a sua transformação em terreno arrasado, a casa demolida, os vestígios do passado recente a quererem ser apagados e, ainda assim, a sobreviverem em pequenas notas topográficas – a pedra da piscina onde primeiro se nadava e depois se torturava, o arame farpado, pedaços de estátuas que um dia decoraram o jardim. A descrição detalhada da casa que entretanto haveria de chamar-se Villa Grimaldi, ainda antes de a polícia política a apelidar de Palácio do Riso, na-

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

quela mistura de crueldade e sarcasmo que não deixa de espantar os mais crédulos na bondade da natureza humana, é a estrutura que sustenta este romance. A sua história acaba por ser a de todos quantos passaram pelo edifício, antes e durante a ditadura, mas sobretudo a história do que dela se fez quando a democracia regressou ao país. Pela voz do narrador, num exercício que parece convocar ficção, autobiografia e registo documental, essas metamorfoses transformaram-se em metáfora do país: «O país acabou por lixar-se, ao aceitar que a infâmia era já um assunto encerrado e que só era possível, por parte dos justos e dos moderados, estancar as feridas e transferir o sucedido para um recanto da História. Uma paz sem justiça, se é que poderia haver paz nos espíritos, pois uma geração de lesados transmitiria à seguinte os factos perpetrados.» (pg. 131) Memória em desassossego, como forma de não varrer infâmias para debaixo do tapete da história pacificada.



(e m) b r e v e

RICARDO VIEL

O Prémio Oceanos, sucessor do Portugal Telecom, sofrerá uma alteração importante. A partir deste ano poderão concorrer livros de autores lusófonos publicados em qualquer país de língua portuguesa. Até 2016 só podiam concorrer escritores/escritoras publicados no Brasil. A mudança no regulamento deve ser anunciada em breve.

José Luis Peixoto, que venceu o Oceanos do ano passado com *Galveias*, terá mais um livro publicado no Brasil. *Em Teu Ventre*, editado em Portugal em 2015, chega às livrarias brasileiras em março com o selo da Companhia das Letras. *****

Além das tradicionais mesas-redondas, a 18.ª edição das Correntes d'Escritas contará com um projeto coletivo em que escritores(as) trabalharão lado a lado com fotógrafos, ilustradores e designer. O resultado final será publicado em forma de livro após o final do festival que decorre de 21 a 25 de Fevereiro.

O dossiê deste ano da Revista Correntes d' Escritas será dedicado a Eugénio Lisboa. *****
A escritora franco-marroquina Leila Slamini será publicada em Portugal pela Companhia das

Letras. O romance *Chanson Douce*, com o qual a jovem ganhou no ano passado o prémio Goncourt, está a ser traduzido para português por Tânia Ganhô. *A Canção de Embalar*, título que receberá, deve chegar às livrarias no início de março.

Depois do sucesso de *Chega de Saudade* a Tinta-da-China aposta em outro título do brasileiro Ruy Castro. *Carnaval de Fogo*, livro de crónicas sobre o Rio de Janeiro publicado originalmente no Brasil em 2003, sairá em Fevereiro pela chancela de Bárbara Bulhosa. *****

LUIZ COSTA LIMA é um dos maiores pensadores da literatura do Brasil. Mais de 20 livros publicados em 50 anos de carreira. Sua obra foi celebrada em diversos países. Prestes a completar 80 anos, ele fala sobre política, história, literatura e de como o ato de pensar é perigoso em um país conservador como o Brasil.

PERNAMBUCO

Um jornal de Literatura e reflexões sobre o contemporâneo

www.suplementopernambuco.com.br



/suplementopernambuco



/suplementope



SARA FIGUEIREDO COSTA

ANDREIA BRITES



Para Viver Um Grande Amor

Vinicius de Moraes
Companhia das Letras

Com o mesmo título de uma das mais celebradas canções de Vinicius, este volume reúne crónicas e poemas alternadamente, conjugando a lírica, o ritmo e as rimas com a observação aguda do quotidiano, as anotações sobre hábitos, gestos e modos de escapar à rotina. São mais de oitenta textos que dão a ler os amores e desamores do músico-poeta.



Era uma vez uma raiva

Blandina Franco, José Carlos Lollo
Nuvem de Letras

Se a raiva não fosse um sentimento e sim um pequeno monstinho poderia alimentar-se de facto da mesma matéria de que se alimenta no interior dos pensamentos humanos: de tudo o que a rodeia. Assim acontece com esta espécie de novelinho vermelho que cresce até explodir, depois de engolir tudo o que consegue, inclusive a felicidade. O volte-face chega mesmo na última página dupla e deixa, no mínimo, um suspiro de alívio.



Pátria ou Morte

Alberto Barrera Tyszka
Porto Editora

Primeira tradução em Portugal do autor venezuelano, *Pátria ou Morte* é um retrato ficcionado da Venezuela de Hugo Chávez, com um personagem principal dividido entre o irmão, fiel aos princípios da revolução bolivariana, e a mulher, opositora ferrenha do regime. Com a aproximação da morte anunciada de Chávez, a narrativa reflete sobre como será o país depois de perdido o seu mito unificador.



Era uma vez um alfabeto

Oliver Jeffers
Orfeu Negro

Com ironia, silogismos desconstruídos e *nonsense*, Oliver Jeffers cria um micro conto para cada uma das letras do alfabeto. Os temas podem ser filosóficos, do quotidiano, fantásticos... Há um pouco de tudo, com estratégias variadas, desde a suspensão da narrativa com a inclusão de uma ilustração na página par, à intertextualidade quando aparecem as personagens de *Perdido e Achado*, até à continuação de uma história noutra letra mais à frente.



Mamá, quiero ser feminista

Carmen G. de la Cueva
Lumen

Autobiografia que quer ser reflexão sobre o mundo, o livro de Carmen G. de la Cueva acompanha a sua infância na Andaluzia e as muitas paragens por onde foi passando mais tarde, sempre referindo as leituras e as descobertas que fizeram a autora ver o mundo como vê. O registo memorial acaba por ser um modo de pensar sobre a sociedade e o lugar que reserva às mulheres, sempre falando a partir da experiência pessoal. As ilustrações são de Malota.



Em Viagem pela Europa de Leste

Gabriel García Márquez
Dom Quixote

Nos anos 50 do século passado, García Márquez faz um périplo pelos países então socialistas, reportando o que vê com a atenção ao detalhe que o caracterizava. Checoslováquia, Polónia, Hungria e União Soviética são alguns dos lugares por onde passa o autor, procurando perceber o funcionamento dos regimes que então governavam esses países e o modo como os seus cidadãos aceitavam esse governo.



A rapariga que lia as estrelas

Kiran Millwood Hargrave
Booksmile

O início da narrativa está, como muitas deste género, cheio de informações que suscitam perguntas sem resposta. A galeria de personagens vai ganhando forma e a protagonista rapidamente se assume como heroína. Numa ilha imaginária, cheia de rituais, presságios e uma relação quase mística com a natureza, elege-se a cartografia e a curiosidade pelo mundo como suporte de uma intriga cujo móbil é o poder despótico e a injustiça.



Arte. Crítica. Política

Nuno Crespo (org.)
Tinta da China

Um volume para questionar e refletir sobre as relações entre arte, crítica e política, da arte como instrumento de poder aos modos de democratização do seu acesso através de ferramentas como o ensino. Os textos são de Ana Godinho, António Guerreiro, Delfim Sardo, Eduarda Neves, Joana Cunha Leal, Mariana Pinto dos Santos, José Gil, Margarida Medeiros, Maria Filomena Molder, Ricardo Carvalho e Rosa Maria Martelo, entre outros.

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**

MART



Casa
Fernando
Pessoa

Quarto · *Room*
Sala Multimédia · *Multimedia Room*
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT





SARA
FIGUEIREDO
COSTA



Até ao final deste mês, a galeria CentroCentro, em Madrid, acolhe uma exposição dedicada à banda desenhada europeia contemporânea. **Animal Collective** revela vinte e dois coletivos cuja produção se espalha por fanzines, livros, cartazes e pequenas publicações de difícil classificação, e também por encontros e festivais nem sempre reconhecidos pelo radar da imprensa cultural.



Vanguarda é um dos termos mais utilizados nos textos que estabelecem o percurso expositivo. Haveria quem preferisse falar em edição alternativa, banda desenhada independente ou outros termos que falham sempre na sua descrição dos objetos, mesmo que sejam amplamente reconhecidos pela comunidade de produtores e leitores destas publicações. E talvez comunidade seja um bom termo para enquadrar o que se passa num meio tão plural e visualmente variado como o que se mostra em *Animal Collective*. O trabalho dos eslovenos da Stripburger ou dos galegos do Liceo Mutante poderá não ter muitos traços comuns em termos de linha gráfica ou modo de edição, mas une-os, tal como aos restantes coletivos presentes na exposição, um modo comum de se dedicarem aos objetos editoriais que criam, quase sempre investindo dinheiro do próprio bolso sem que um retorno significativo seja esperado, de distribuírem as suas publicações, com recurso à internet e à presença em feiras e festivais, de partilharem práticas e trabalhos

com vários outros coletivos, sem que a distância geográfica seja relevante. Percebe-se, ao longo desta exposição, que é neste modo de trabalhar e partilhar em rede que está parte considerável do valor, artístico e comunicativo, desta banda desenhada. E no que à cena europeia diz respeito, percebe-se igualmente a sua pujança em termos criativos e experimentais, procurando explorar a linguagem da banda desenhada, empurrando-lhe os limites e tentando abordagens pouco convencionais. Alberto García Marcos, que comissariou a exposição em parceria com César Sánchez, falou à *Blimunda* sobre esta cena europeia de banda desenhada, destacando, precisamente, o seu carácter vanguardista: «Sem dúvida, o nível de vanguarda da banda desenhada europeia é importante, se não em termos de vendas, pelo menos em termos artísticos. Não me atrevo a dizer que seja superior ao das outras grandes potências mundiais da banda desenhada, Estados Unidos e Japão, mas não lhes fica a dever nada. Na verdade, o que temos percebido



nos últimos anos é que é cada vez mais difícil estabelecer fronteiras entre zonas geográficas. Um autor japonês como Yuichi Yokoyama pode ser tremendamente influente para a vanguarda europeia e um autor como Olivier Schrauwen pode influenciar os autores norte-americanos. Na conceção inicial da exposição *Animal Collective* planeámos mostrar também algumas obras da revista norte-americana *Kramers Ergot* e da japonesa *Garô*. E se acabámos por não o fazer foi apenas por questões logísticas e de organização, porque essas revistas de vanguarda influenciaram muito a banda desenhada europeia e são a prova de que as fronteiras geográficas se diluem muito quando falamos de um meio tão eminentemente visual como o da banda desenhada. De qualquer modo, diria que o nível de vanguarda na banda desenhada europeia, especialmente em países periféricos, países que historicamente não têm uma indústria de banda desenhada muito forte, é importante. Finlândia, Letónia, Noruega, Portugal, não ficam a

dever nada em termos de vanguarda à grande indústria europeia que é a francófona.»

O trabalho de escolher cerca de uma vintena de projetos e coletivos entre os muitos que vão desenvolvendo o seu trabalho neste momento não terá sido fácil. A democratização do acesso aos meios de produção editorial, assegurada pela impressão digital e pelo número cada vez maior de pessoas que se dedicam a este trabalho sem que essa seja a sua fonte de subsistência, associada a um regresso às técnicas de impressão tradicionais, cada vez mais procuradas por quem quer fazer publicações de curta tiragem sem depender de terceiros, têm ajudado a criar uma verdadeira cena editorial à margem daquilo a que chamamos mercado e a banda desenhada e a ilustração são um campo fértil nesta vaga. Alberto García Marcos explicou o processo de escolha destes coletivos num universo que é vasto e em constante mutação do seguinte modo: «Na maior parte dos casos, escolhemos coletivos que conhecemos bem.



Tentamos circular pela Europa e ir acompanhando esta vanguarda. Com muitos dos coletivos já tínhamos uma relação pessoal, profissional ou de amizade. Também tentámos que estivessem representados a maioria dos países europeus. De qualquer modo, não nos limitámos aos que conhecíamos pessoalmente, mas contactámos com todos aqueles cujo trabalho nos tinha impressionado nos últimos anos e nos parecia relevante para a banda desenhada europeia.» Num cenário onde autores e editores são muitas vezes a mesma pessoa, e onde a troca de experiências e trabalho se faz com cada vez menos limitações geográficas, percebe-se, ao percorrer a exposição, que é nos coletivos que está o núcleo mais irrequieto, produtivo e experimentalista desta vaga de banda desenhada contemporânea. «A nossa ideia», prossegue o comissário, «era mostrar uma seleção muito ampla do que se faz hoje em dia no terreno da vanguarda na Europa e também mostrar que as propostas com mais força e mais capacidade de influenciar são as que se realizam em colaboração, as que são feitas pelos

coletivos. Creio que quem vir a exposição perceberá a importância que os coletivos tiveram e têm no desenvolvimento da banda desenhada europeia das últimas duas décadas, pelo menos.» Em Espanha, cuja presença nesta *Animal Collective* é predominante, o cenário ecoa aquele a que assistimos na Europa: «A cena da banda desenhada espanhola não é muito grande e é normal que os autores se conheçam e se influenciem mutuamente. Entre eles existe um fluxo de ideias e de interesse em praticar novas formas de contar as coisas. Neste sentido, os festivais de banda desenhada independente são muito importantes: Tenderete, em Valência, Gutter Fest, em Barcelona, Graf, em Madrid e Barcelona... São pontos de encontro de autores de diferentes pontos da geografia espanhola onde acontecem interações muito interessantes que acabam por dar lugar a projetos concretos. Na exposição *Animal Collective* incluímos estes festivais como se fossem coletivos, porque a sua importância no desenvolvimento da vanguarda da banda desenhada em Espanha é fundamental. Hoje em dia

>OLEN^{REG}



THE PERSONAL AND SOCIAL BY ST. PHILIP

>OLEN^{REG}



>OLEN^{REG}



não se pode entender a vanguarda sem a componente de intercâmbio e colaboração.»

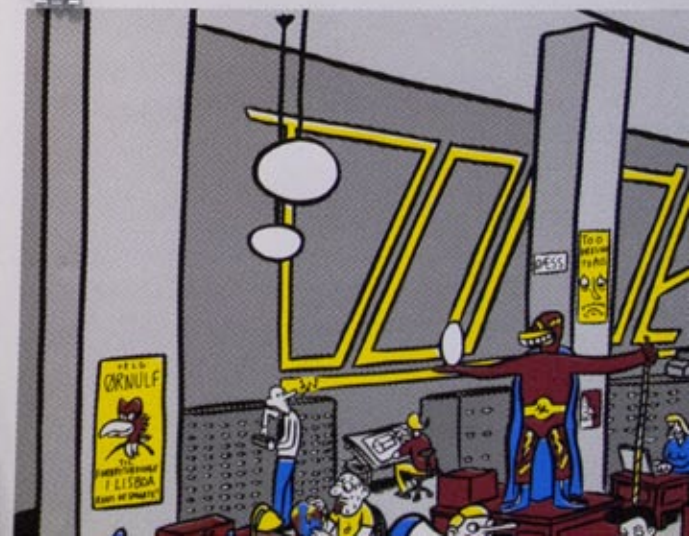
A maioria das publicações feitas por estes coletivos não se encontrarão numa livraria generalista, e talvez também seja difícil encontrá-las em livrarias especializadas em banda desenhada, dependendo das escolhas dos livreiros. O mais certo é que os leitores acessem a publicações como a revista *kuš!* ou os livros da Apa Apa através da internet, por recomendação de alguém ou na banca de algum festival de edição. Nas palavras do co-comissário da *Animal Collective*, «a banda desenhada é um meio que desperta paixões. Os seus seguidores estão habituados a ter de procurar ativamente aquelas histórias, aquelas grafias, aqueles temas que lhes interessam. Se não os encontram numa livraria, procurarão na internet até encontrarem o editor e hão de comprar on-line as bandas desenhadas que querem. Isto acontece, para começar, porque a banda desenhada é um meio de expressão e é uma expressão artística marginal, ainda que haja alguns *bestsellers*. O

leitor de banda desenhada sabe disto e aceita-o, procurando ativamente a forma de aceder ao material que lhe interessa. Por outro lado, é um meio onde a variedade de registos gráficos e narrativos é tão grande que existem propostas que conquistam leitores concretos que fariam qualquer coisa para conseguir uma certa obra. E isto é assim porque, ao contrário do que acontece com o cinema, na banda desenhada – pelo menos na mais vanguardista – não há uma exigência económica tão grande, uma exigência que obrigue a rebaixar o nível de compromisso pessoal para poder agradar a um público mais amplo. Os autores e editores de banda desenhada de vanguarda apenas têm em conta critérios artísticos e isto é algo que os leitores percebem. É uma demonstração de honradez e os leitores respondem com o seu compromisso e a sua fidelidade.»

Numa exposição que percorre alguns dos mais ativos projetos editoriais da atual banda desenhada europeia, oriundos de países como a Alemanha, a Letónia, a França ou a Noruega, a ausência de Portugal faz-se



BENDIK



notar. Não há qualquer vestígio de patriotismo amargurado nesta observação, mas antes uma constatação: em Portugal, a cena editorial de banda desenhada é povoada por coletivos que não só têm semelhanças no modo de trabalhar com muitos dos coletivos expostos em *Animal Collective*, como fazem parte ativa desta rede que mantém contactos e partilha projetos. Na exposição é possível, por exemplo, folhear um número da revista *kuš!*, da Letónia, apenas com autores portugueses e com seleção de Marcos Farrajota, um dos mais ativos dinamizadores desta cena editorial a que poderíamos chamar de independente e o rosto mais conhecido da Chili Com Carne, associação que tem trabalhado com muitos coletivos europeus. Afastando rasgos de patriotismo, mas ainda assim notando esta ausência como relevante, perguntámos, a Alberto García Marcos por que motivo não havia qualquer coletivo português na exposição e a resposta foi clara: «Não foi uma decisão consciente, simplesmente houve motivos de espaço e logística. De facto, os dois comissários da exposição so-

mos editores e estamos em contacto, temos relações de amizade e temos colaborado em vários projetos da Chili Com Carne. Uma das últimas obras que editámos é de Amanda Baeza, que nasceu no Chile mas é portuguesa por adoção, e editámo-la precisamente por recomendação da Chili Com Carne. De qualquer modo, reconheço que teria sido interessante, positivo e enriquecedor ter incluído obras de coletivos portugueses. Podemos considerar esta uma das falhas da exposição, ainda que espere que as obras mostradas possam compensá-la.» A ausência de portugueses não perturba a essência de *Animal Collective*, cujo olhar passa pelos modos de trabalhar uma linguagem, a da banda desenhada, a partir de contextos bem definidos de produção editorial e distribuição. Do norte ao sul da Europa, os exemplos são muitos e todos contribuem para um retrato que assume muitos ângulos, mas onde se destaca a vontade de editar com as próprias mãos e de dar a ler aquilo que dificilmente caberia num álbum cartonado com pranchas delimitadas e um número fixo de páginas.

COLETIVOS PRESENTES EM **ANIMAL COLLECTIVE**

ESPAÑA

Me da la riso (Barcelona)

Zángano Cómics /

Gutter Fest (Barcelona)

Apa Apa (Barcelona)

Cero eficacia (Cáceres)

Ultrarradio (Madrid)

Tik tok (Madrid)

Ruja Books / Yes Yes and

No (Madrid)

Liceo mutante

(Pontevedra)

Ediciones valientes /

Tenderete (Valencia)

Polen (Valencia)

Inefable Tebeos

(Valencia)

Fosfatina / No tengo

mamá (Vigo)

ALEMANHA

Spring

ÁUSTRIA

Tonto

ESLOVÉNIA

Stripburger

FINLÂNDIA

Kutikuti

FRANÇA

Lagon

Misma

BÉLGICA

Frémok

ISRAEL

Actus Comix

ITÁLIA

Crack / La bagarre

LETÓNIA

kuš!

NORUEGA

Dongery

REINO UNIDO

Mould Map

SÉRVIA

Matrijarsija

Autores
espanhóis mor-
tos em 1936 pas-
sam a domínio
público

RICARDO
VIEL

Testemunha da Guerra Civil

AUTORES ESPANHÓIS MORTOS EM 1936 PASSAM A DOMÍNIO PÚBLICO

Espanhola como correspondente internacional, Antoine Saint-Exupéry expôs em duas frases as suas impressões sobre o que viu e ouviu na Catalunha: «Fuzila-se mais do que se combate»;
«Fuzila-se como quem talha».

Entre as milhares de vítimas daquele conflito

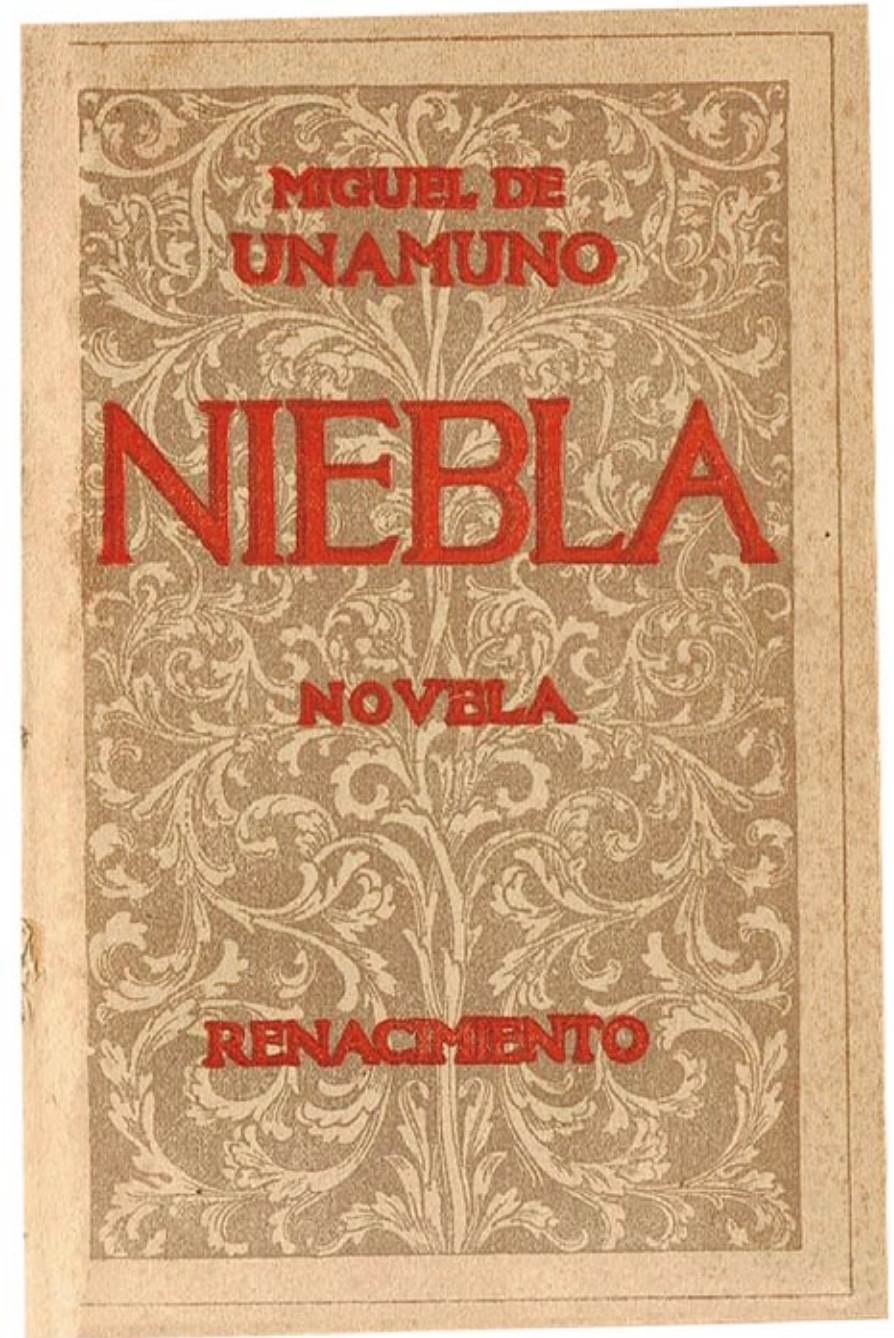
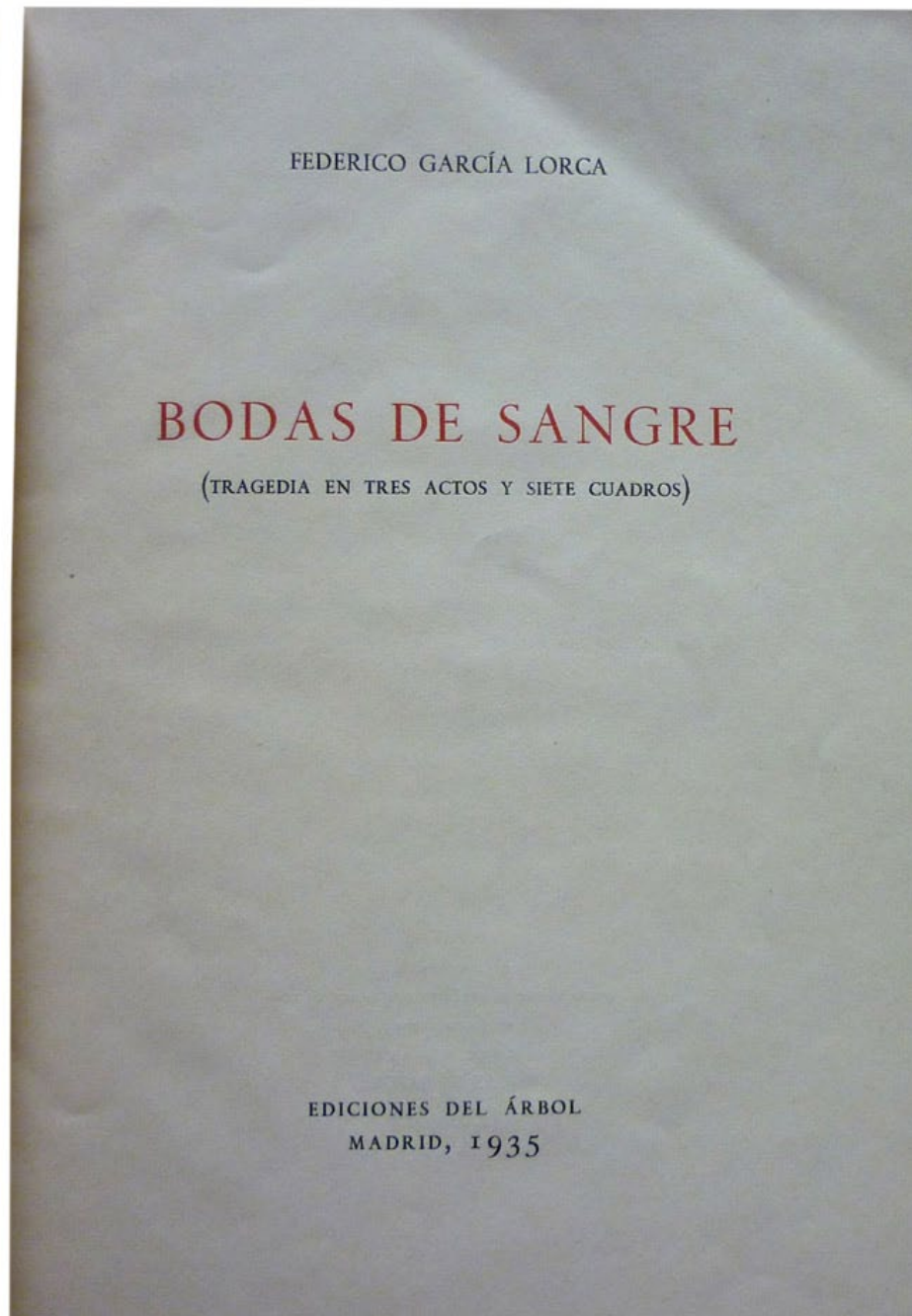
que teve como um dos lemas «Morram os intelectuais» estão centenas de escritores cuja obras passam este ano para o domínio público. A lei em Espanha determina que, para os autores falecidos antes de 1987, a criação intelectual fica livre de direitos no primeiro dia do ano seguinte ao dos 80 anos da sua morte. Ou seja, a obra de todos aqueles desaparecidos em 1936 – quando se iniciou a guerra civil – pode ser difundida sem a necessidade de pagamento de royalties a partir do primeiro dia deste ano. É o que acontece, por exemplo, com os escritos do poeta Federico García Lorca, do romancista e ensaísta Miguel de Unamuno e do dramaturgo Ramón Del Valle-Inclán.

Para facilitar o acesso gratuito a todas estas obras agora disponíveis a BNE (Biblioteca Nacional de Espanha) divulgou uma lista [\(link\)](#) com o nome dos autores cujas criações passam a domínio público – boa parte desse material já está digitalizado e disponível na plataforma digital da biblioteca [\(link\)](#).

181 mil obras digitalizadas

«Os critérios que seguimos para seleccionar os títulos a digitalizar são variados. Tivemos em conta fundamentalmente o valor dos autores, assim como que a seleção feita fosse uma mostra o mais ampla possível. Era preciso incluir autores menos conhecidos para que o panorama literário do momento ficasse completo», explica José Luis Bueren, responsável pela Biblioteca Digital da BNE. «Acreditamos que digitalizar e disponibilizar a obra de autores como Unamuno e Lorca pode ser uma forma de tornar mais acessível, a todo o tipo de público, esses autores», acrescenta.

Desde 2014 a BNE publica no início de cada ano um índice de autores cuja obra está disponível gratuitamente. Foi feita também uma lista de todos aqueles que haviam entrado em domínio público a partir de 1900. Já são mais de 181 mil obras digitalizadas no banco de dados da biblioteca e acessível aos usuários. «Durante todo o ano trabalhamos na digitalização das obras dos autores que passarão ao domínio público no ano poste-



rior. O trabalho consiste, fundamentalmente, em identificar os autores, selecionar as obras mais relevantes, encontrar nas estantes da biblioteca o exemplar de cada título que seja o mais adequado e digitalizar os livros. Um dos principais pontos a ser cuidado é assegurar-se de que não há coautores na obra selecionada que ainda tenham direitos vigentes», explica o coordenador do projeto da BNE. Outra preocupação é a de sempre digitalizar a primeira edição de cada título, medida que facilita o trabalho de pesquisadores e estudiosos.

O grande número de obras que passam a estar livres de direitos este ano motivou a BNE a desenvolver um portal virtual – ainda em construção – que tem como objetivo facilitar a procura dos títulos agora disponíveis gratuitamente e também dar mais informações sobre o valor dos autores e obras ali contidos. «O problema de uma coleção tão grande como a da BNE é que fica difícil para os usuários não especializados saberem o que há e como encontrar o que buscam, o objetivo é facilitar o acesso dentro da riqueza e variedade da coleção», acrescenta Bueren.

374 autores mortos em 1936

No começo do ano passado a direção da BNE procurou o professor José Carlos Mainer para que ele desenvolvesse uma pesquisa sobre os escritores falecidos em 1936 e auxiliasse a equipa da biblioteca na construção do portal virtual que está a ser desenvolvido. «Por um lado, procurei identificar os escritores (separando-os daqueles que publicaram ocasionalmente um livro) e também personalidades, como políticos ou sacerdotes, que tivessem uma obra significativa. Por outro lado tentei separar as mortes naturais das mortes violentas», conta o catedrático da Universidade de Saragoça.

Foram identificados 374 autores espanhóis cujos direitos expiram em 2017, dos quais cerca de 90 tiveram títulos digitalizados. Até ao momento há 498 obras digitalizadas de autores falecidos em 1936, e o trabalho continua a ser feito.

Para dar sustentação ao estudo realizado, José Carlos Mainer preparou um texto intitulado «1936, a história literária de um ano» que contempla, além da importância das obras que passam a domínio público, um retrato

de quem morreu na guerra, «tanto de um lado como do outro», e também quem faleceu naquele ano por causas naturais. «Gostava de reforçar um ponto, a Guerra Civil espanhola é uma guerra de símbolos: dois conceitos de Espanha que só pensam na aniquilação do outro. Por um lado matam-se sacerdotes, do outro lado as vítimas são professores e intelectuais laicos».

Para Bueren, o trabalho realizado pela BNE e por José Carlos Mainer, além de facilitar e incentivar a leitura de grandes nomes das letras espanholas, tem um segundo grande contributo: demonstrar o quão perversa e terrível pode ser uma guerra também no âmbito cultural. «Este projeto permite-nos demonstrar que nesse ano de 1936 não morreram apenas 4 ou 5 grandes nomes da literatura espanhola mas sim um grande número de autores que, na maioria dos casos, caiu no esquecimento. São eles que, junto dos maiores e mais conhecidos, formam o panorama cultural do ano de 36.»

«A barbárie é unânime»

Caídos no esquecimento ou não, boa parte dos quase 400 autores que faleceram naquele ano em que começou a Guerra Civil tiveram a vida abreviada. Poderiam ter produzido mais, mas o conflito não o permitiu. É o caso, por exemplo, de Miguel de Unamuno, que faleceu aos 72 anos em sua casa, em Salamanca, onde se encontrava em prisão domiciliária. No início simpatizante do franquismo, o ex-reitor da Universidade de Salamanca percebeu rapidamente o rumo que aquele regime iria tomar. Desolado, só e sem perspectiva, morreu no dia 31 de dezembro de 1936. Umas semanas antes escreveu uma carta a um amigo onde dizia: «A barbárie é unânime. É o regime do terror para os dois lados. Espanha está assustada consigo mesma, horrorizada. Uivam e pedem sangue uns e outros. E aqui está a minha pobre Espanha, dessangrando-se, arruinando-se, envenenando-se e enlouquecendo».

O
MILAGRE
PAULA
REGO

MANUELA
CORREIA

PINTO LOGGO EXISTO

É tão difícil entrevistar como falar sobre Paula Rego. Falar sobre Paula Rego é falar da pintura de Paula Rego, que por sua vez é a vida de Paula Rego, que é a Paula Rego.

Deve-se à inteligência, sensibilidade e intuição de Anabela Mota Ribeiro, a originalidade do dispositivo para construir este livro – cinco entrevistas contínuas ao longo de oito anos, que possibilitam pouco, algum ou muito conhecimento, e ambicionam uma Revelação. Quem é Paula Rego?

O método para alcançar este fim, foi ouvir e deixar-se conduzir pelas múltiplas vozes de Paula Rego, para chegar à Voz de Paula Rego, num jogo de ocultação e revelação. A Voz está no seu território – o mundo da infância e a infância do mundo. A Voz fala e as histórias contam-se e recontam-se ao longo de oito anos e a entrevistadora deixa-se levar, escuta, habita esse lugar primordial – o espaço doméstico e a liberdade para sentir.

É aqui que o psicodrama se joga e revela – põe e tira, magoa e cuida, mostra e esconde, mata e ressuscita, salva ou condena. Salva-se!

Paula Rego coloca no palco os mesmos temas, recorrentemente – escuro, medo, dor, destruição, violência, vingança, morte, curiosidade, confiança, coragem, ambição, poder. Transgredir para prosseguir – sexo, família, infância, velhice, homem, mulher, amor. Trabalho, trabalho, trabalho. Fazer, fazer, fazer. «Fazer uma coisa que não se consegue fazer», na fala de Paula Rego.

A *persona* são figuras, bonecos pintados, cozidos, ligados; imagens e papéis cortados, recortados, colados; bichos, hortícolas e seres biformes; são riscos, traços, posições, acções congeladas no tempo, estátuas emocionais. Tudo eu posso fazer e destruir, tudo eu posso matar. Tudo menos a Angústia.

O caminho das pedras é brutal, de «uma brutalidade sem filtro», como refere Anabela Mota Ribeiro, pois ele emerge do pensamento mágico e concreto, onde o poder é total e absoluta é a Angústia. Não há filtros, não há pensamento abstracto, não há mentalização. Está sempre escuro, dentro e fora e há sempre uma saída de emergência - um cadeirão dourado para quando está ou se sente ameaçada. Aqui, a escatologia emerge, na

*Tudo eu posso
fazer e destruir,
tudo eu posso
matar. Tudo me-
nos a Angústia.*

forma falada, de uma transgressão total, como podemos ler na página 71 do livro, quando Anabela Mota Ribeiro fala do quadro «A Filha do Polícia», que tem uma menina com o braço enfiado na bota do pai.

AMR – A aconchegar, seria uma posição mais amorosa. Assim, com a mão lá dentro, é mais uma penetração.

PR – Ok. Há um quadro do Mapplethorpe que mostra uma *fist fucking*, que é uma coisa homossexual com a mão dentro do rabo. Vem daí.

Um trovão, para continuar viva, para se defender do medo de ter medo, para se proteger da Angústia. Esta é Paula Rego – o mundo mágico, das coisas concretas, tenebroso, onde não há paz. Uma fala concreta para dizer quem é. «Não há nada de diferente para dizer para além dos seus desenhos e dos seus quadros», diz João Fernandes no prefácio ao livro. E é verdade.

Não conheço todos os determinismos, acasos e cir-

cunstâncias que levaram ao seu nascimento. Mas conheço muito bem o lugar que Paula Rego habitou depois do seu *Big Bang* – um lugar escuro, onde está só, abandonada, possuída por um medo físico. Uma máquina biológica que comia, dormia, desejava e também riscava. A metamorfose do corpo pré-programado para explodir e romper para fora, atravessar o buraco negro «para o mundo, um lugar também escuro mas ainda maior», sussurra Paula Rego.

Há duas Paula Rego – a que pinta para viver e a que vive para pintar. E para viver tem que pintar e para pintar tem que estar viva. A que vive para pintar, teve uma vida relativamente fácil até às primeiras mortes e à chegada da velhice. Agora tem um obstáculo intransponível que não pode controlar. Tem medo de não ter forças para continuar, para desenhar, desenhar, pintar. Fazer, fazer, fazer. A que pinta para viver, teve sempre uma vida difícil, dolorosa, transgressiva, impetuosa. Trabalho, trabalho, muito trabalho. «No quarto escuro é onde estou. E abrir a porta para ver lá para fora? Está

***No quarto escuro é onde estou.
E abrir a porta
para ver lá para
fora?***

outro escuro. Nem pensar nisso. Desde os três anos começaram a aparecer coisas desagradáveis – o abandono. A solidão. O porco que anda com o rabo de cá para lá a mexer a cabeça», vai contando Paula Rego.

A sabedoria para sobreviver foi sendo construída, passo a passo, através da pintura, das histórias, das metamorfoses, do mundo mágico que convoca o irracional com um sentido e um devir.

Na vida lá fora estão os objectos de Adoração e Admiração. Os adorados, os do amor incondicional – O avô José e o Vic, seu marido. Já todos morreram. Mesmo, mesmo. Os admirados, os do amor condicional – o bisavô, a avó Gertrudes, a tia, a tia-madrinha, o pai, a mãe. Morreram também, mesmo, mesmo. Só lhe resta os transitivos – a Lila e por vezes outros objectos afectivos, como alguns familiares.

O enigma Paula Rego – «Eu se tivesse de morrer, levava o Anjo comigo. Se eu morresse, morria com ele». Se, condição de Paula Rego. O Anjo mensageiro, divino e incorpóreo que não está sujeito à dissolução. Nunca

morre, é eterno. O Anjo com duas faces – vingador e protector. A espada, a esponja e a ausência de desejo animal.

«Tenho medo da morte tenho. Tenho desde pequenina, não é só de agora. Tinha medo da morte quando entrava pelo meu quarto dentro, aquela morte tradicional.»

Eu não sei o que vejo quando estou a olhar para a minha imagem. Só vejo as máscaras. Não sei quem sou. Preciso de atravessar o espelho. Preciso de uma ideia para me salvar.

É isso que me dá a vontade de viver, diz a Voz – o que posso fazer a seguir. «Toda a gente precisa, não sou só eu. Toda a gente precisa de encorajamento para conseguir fazer aquilo que gostava de fazer.»

Paula Rego necessita hoje, mais do que nunca, de ser surpreendida, ter uma Visão, uma Aparição, de ser salva e cuidada pelo Anjo, precisa de acender a luz – já não há ninguém para o fazer. Necessita urgentemente de uma ideia, de uma outra Voz, de se ver sem máscara, não esconder os verdadeiros pensamentos e sentimen-

tos e de olhar para a Angústia mortal. Dor, medo, muito medo. É preciso muita curiosidade, imaginação e ímpeto. É preciso superar-se. Riscar, riscar, desenhar, desenhar, desenhar. Ver-se, reconhecer-se e suspirar - voar e regressar para dentro dos porcos e coelhos, para dentro do escuro imortal.

T. S. Eliot, *Burnt Norton* - 1º Quarteto

O tempo presente e o tempo passado, estão ambos talvez no tempo futuro.

E o tempo futuro contido no tempo passado.

Se todo o tempo é eternamente presente todo o tempo é irredimível.

Memória, tempo, passado. Conflitos do futuro. O corpo-máquina gasto, vai um dia parar. Apoptose – morte celular. Agora enrola-se para dentro, fundo, mais e mais fundo. É preciso reconstruir, reparar, refazer, reinvestir. É preciso ter uma ideia, uma liberdade, ter um nome, um coração, uma história para contar. É preciso ter assunto. Tem que ser uma surpresa, pode ser um

conto de fadas, uma aparição, uma visão, uma revelação. «É importante ter uma história, pois a parte final é suspiro», diz Paula Rego.

Este quadro ainda está por fazer. Riscar, desenhar, magoar. Ter esperança, ímpeto e continuar sem paz. Quando não pintar a Voz acaba e a vida também. Trabalhar, trabalhar, trabalhar. Agora espera o seu último milagre. A linha invisível de tensão no céu azul, que vai do seu rosto ao do Anjo. A bela e brutal catarse da tragédia da condição humana.

Manuela Correia é psiquiatra e docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Este texto, escrito de acordo com a antiga ortografia, foi lido na apresentação do livro *Paula Rego por Paula Rego*, de Anabela Mota Ribeiro

Anabela Mota Ribeiro

Paula Rego por Paula Rego



A CASA DA ANDRÉA

TERÇA-FEIRA

ANDRÉA ZAMORANO

terça-feira

e o desamor era tanto que se derramava pelo chão gelado de cerâmica da cozinha todas as manhãs vazias. Um café preto, um pão de há dois dias reaquecido na torradeira. Os esteroides vegetais da margarina ajudavam a baixar o colesterol, amargavam a vida além do mais. Já tanto lhe fazia.

Depois do desjejum, vestia-se monótona como se fosse trabalhar para o Liceu Passos Manuel. Uma saia preta de Tergal; a blusa de algodão abotoada nas costas; o lenço discreto para proteger o pescoço nos dias mais ventosos; um casaquinho de lã já surrado nos ombros e outro mais consistente pendurado no braço direito. Os gestos mecânicos ajudavam a manter a rotina. Como se ainda houvesse.

Dava duas voltas na chave e depois empurrava a porta para confirmar se estava de fato fechada. Subia a Rua do Poço dos Negros em direção à Calçada do Combro, mas poderia descer, como se se encaminhasse para São Bento. Só os paquistaneses, agora os donos das frutarias de Lisboa, é que acenariam com a cabeça e diriam bom dia quando passasse em direção à Travessa do Convento de Jesus. Dava no mesmo.

A CASA DA ANDRÉA

Caminhava na rua pelo lado da escola, ladeando o muro de grades que só permitia a entrada do seu olhar. Apenas podia reconhecer as paredes exteriores. Ninguém estaria à sua espera no liceu. Virava para o largo, ao lado da escola. Lá estava, como sempre, o frontispício da igreja. Percebia-o pelo seu valor arquitetónico, não religioso. Os rapazes de skate no largo cruzavam-se em altas velocidades à sua frente, contrastando com a inércia do monumento, completando a paisagem. O que também pouco ou nada importava.

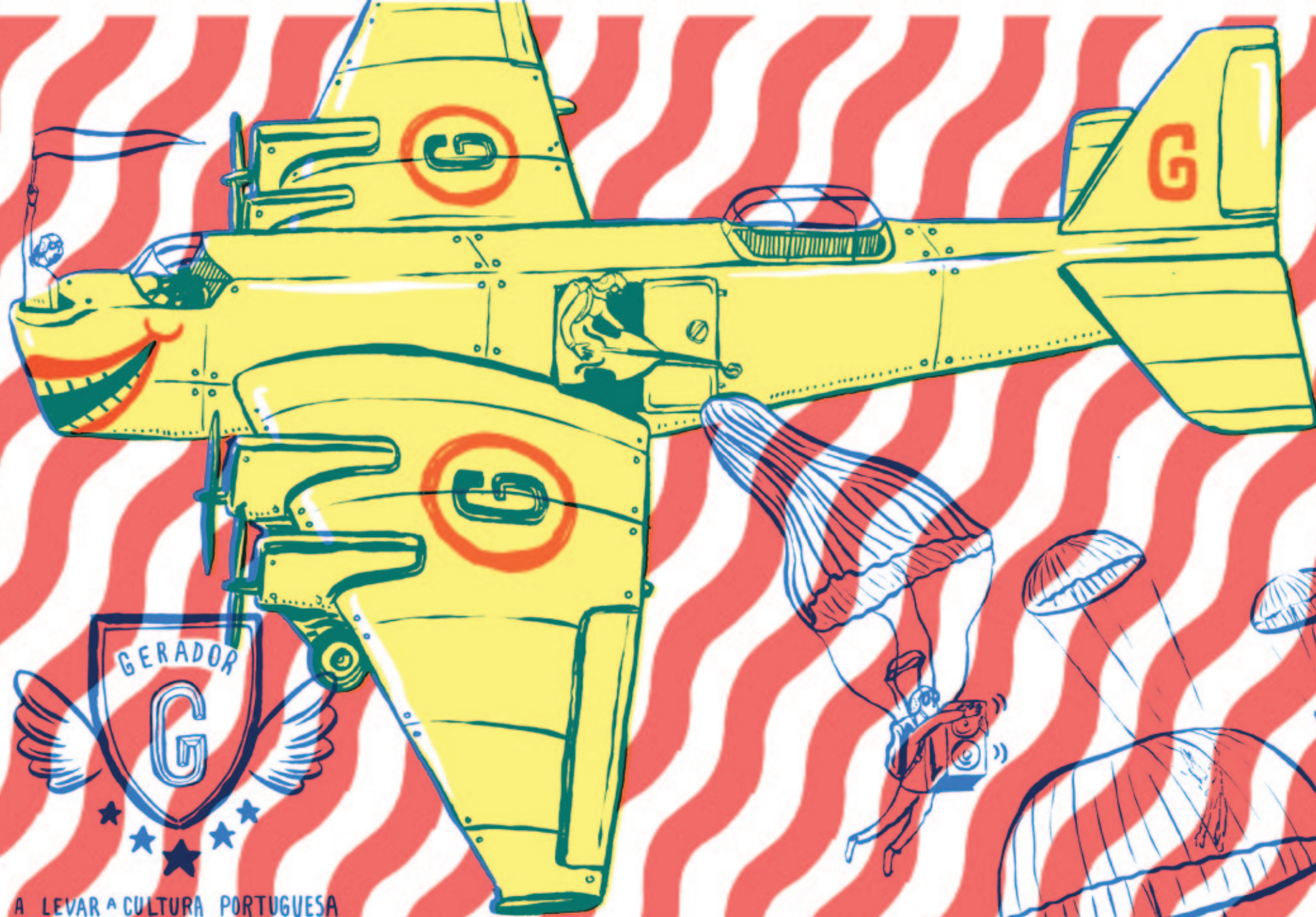
Voltou para casa. Foi sempre pela Travessa da Arrochela, desceu as escadinhas estreitas, e o dia se encheu de sol ao dar de caras com o Palácio de São Bento. Não fez caso. Seguiu por aquela mesma vereda até se encontrar mais outra vez com a sua rua. E então caiu no chão. Teve a delicadeza de morrer na calçada, sem atrapalhar o trânsito. Os carros continuaram a passar. O passeio estreito obrigava os transeuntes a contornarem o corpo estirado. O paquistanês chamou a polícia.

O LAGARTO

Um livro que une as palavras de **JOSÉ SARAMAGO**
e as xilogravuras de J. BORGES

Uma nova leitura
da crónica com
o mesmo título
escrita por
JOSÉ SARAMAGO
em 1972.





A LEVAR A CULTURA PORTUGUESA

✈ A TODO O LADO ✈

O Gerador é uma plataforma de ação
e comunicação para a cultura portuguesa

DESCOBRE-NOS EM GERADOR.EU

A diversidade
editorial não
representa a
diversidade
dos leitores

ANDREIA
BRITES

The *Snowy Day* foi editado há mais de meio século nos EUA e marca o aparecimento de um protagonista negro num álbum, sem que haja nenhuma razão temática para isso. Neste livro a personagem negra podia ser asiática ou caucasiana, que não teria qualquer relevância na narrativa.

A senhora Frederica



A senhora Frederica tem uma curiosidade de explorador.
Quer saber sempre tudo ao pormenor.
Uma vez, na floresta, desapareceu atrás das pegadas
de um animal e só voltou ao fim de três dias e três noites.

O facto de ser negra tem um significado

simbólico porque finalmente se representa quem existe e nunca se encontra nas opções de escritores e ilustradores que apenas representam um modelo caucasiano de sociedade. Como lida um leitor americano negro que se está a formar com o facto de nunca se identificar com as personagens dos livros que lê?

Nos últimos anos a questão da diversidade nos livros infantis tem marcado a agenda de diversas organizações ligadas não apenas ao livro mas igualmente à mediação. O debate é transversal e resulta de múltiplos fatores, desde as migrações massivas de pessoas do continente africano e asiático para a Europa e EUA até ao nascimento de pequenas editoras independentes em países dominados por grandes grupos editoriais, e que apresentam projetos que preservam a identidade estética e valorizam o folclore tradicional, como acontece por exemplo com a Tara Books, na Índia. Outro fator que potenciou o debate e alertou para essa padronização da família, do género, da condição física ou da cor da pele foi a ascensão

social e académica de algumas pessoas tendencialmente discriminadas ou ignoradas e a pressão mediática de grupos que defendem os direitos humanos de diversas minorias.

We need diverse books é uma organização norte-americana fundada pela escritora Ellen Ho, que num encontro de escritores não concordou com a representatividade do painel, integralmente composto por homens caucasianos. Até agora a organização tem disponibilizado kits com sugestões de livros para bibliotecas, pais e professores, tem visitado escolas e promovido encontros com outros escritores, de ascendências diversas, e acaba de lançar uma coletânea de contos, *Flying Lessons and other stories* que conta com muitos autores da literatura infantojuvenil norte-americana e pretende ajudar a colmatar esta falha editorial.

O projeto Just Like Me! Box também visa combater essa ausência de diversidade. Foi criado por uma mãe negra quando confrontada com a dificuldade em encontrar livros para o seu filho bebé que representassem

Todos fazemos tudo



crianças afro-americanas de forma positiva. Depois de uma pesquisa de mercado, criou um serviço de subscrição que entrega mensalmente em casa das pessoas dois ou três livros com personagens afro-americanas. A escolha obedece a três escalões etários e chega até aos 12 anos. A intenção é que mais crianças se identifiquem positivamente com as personagens dos livros que lêem, e não encontrem apenas modelos estereotipados que as excluem do tecido social.

No entanto, a questão da diversidade de livros para crianças e jovens não se esgota apenas na representação daqueles que vivem na Europa ou nos EUA mas também na representação de outras realidades que chegam ao hemisfério norte de forma insuficiente. É tão grave existirem grupos da população que crescem sem referente imaginário como que toda a população cresça sem qualquer noção de quem é o outro ou de que simplesmente existem outros. O debate em torno desta diversidade ultrapassa as encomendas temáticas

em defesa de valores, direitos ou liberdades. O que se discute não é a falta ou o défice de produção didática ou moralizante, o centro da questão é a normalidade do quotidiano de todos poder estar representado numa narrativa, num álbum ou num livro ilustrado de qualidade.

Há contudo uma perceção muito certa, por parte de algumas organizações, desta necessidade. O IBBY, International Book Board for Young People, sempre se pautou pelo direito à leitura democrática. A sua lista de honra, anualmente publicada, resulta precisamente das escolhas dos melhores livros pelas secções nacionais que integram a organização. Para além de critérios de qualidade estética, estes livros devem ter um pendor universalizante, já que circularão depois por diversos países em exposição. O objetivo do IBBY é precisamente o de facultar o acesso à diversidade do que se edita, contribuindo assim para um maior conhecimento e até eventuais interesses de edição noutros países. Por



isso não é de estranhar que na lista de honra de 2016 encontremos um álbum sobre a doença de alzheimer, da belga Geneviève Casterman, uma novela juvenil em que dois adolescentes se conhecem num grupo de ajuda a crianças que sofrem de um distúrbio obsessivo-compulsivo, da canadiana Teresa Toten, ou ainda a história de dois irmãos com o síndrome de down numa aldeia da China, pelo chinês Cao Wenxuan. Para além destes temas, que pouco ou nada estão representados nas estantes das livrarias, outros há em que o contexto de mercados de rua no Cambodja , no Egito ou na Colômbia pautam realidades geográficas com cores, cheiros e comportamentos próprios.

Também o prémio New Horizons Bologna Ragazzi Awards, atribuído anualmente na Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, a mais importante do setor, contri-bui para a representação da diversidade. Neste escalão distinguem-se obras provenientes de países onde a literatura infantojuvenil está ainda em desenvolvimento. Em 2016, por exemplo, o prémio foi

atribuído a um livro de uma editora dos Emirados Árabes Unidos e as menções a títulos de editoras independentes da Argentina, Chile e Colômbia. Todos os anos, depois do anúncio dos vencedores e das menções, os livros distinguidos ficam em exposição na Feira, uma oportunidade para que autores e editoras sejam reconhecidos. Sendo um local privilegiado para a compra e venda de direitos, tamanha visibilidade é de extrema importância.

A Alliance internationale des éditeurs indépendents vai mais longe e tem vindo a traçar um conjunto de diretrizes no sentido de garantir melhores oportunidades a editoras independentes de todo o mundo. O seu papel principal visa promover o encontro entre editores independentes para que debatam os seus problemas e juntos cheguem a novas ideias para resistir às hegemónias de um mercado dominado por grandes grupos internacionais. O site reflete diversos princípios e enuncia ações possíveis em defesa dos seus associados. Ali estabelecem-se propostas de apoio para apresentar às

PAI MARTE

As crianças adoram o corajoso Pai Marte, exceto quando ele parte os brinquedos e diz que «foi sem querer». Apesar de ser um ótimo dançarino, pode fazer grandes estragos com uma cotovelada distraída. Já o chamaram de «adulto hiperativo». Não gosta de estar em casa; prefere o ar livre e a natureza, onde pode libertar a sua inesgotável energia familiar. Para o Pai Marte, todos os filhos e filhas são especiais. Ensinou-os a nadar, a subir às árvores e a atravessar um rio sem escorregar nem olhar para trás.

MÃE VÊNUS

Dizem que a Mãe Vênus é capaz de entender os animais – e que ela pode confirmar. Muitas vezes, um dos seus passatempos para dar à família, já tem a coleção de conchas, transformando-se e transformando-se e deu origem a uma família. Depois, as pazes. Quando Vênus e o Pai Marte são capazes de

grandes Feiras, no sentido de estas baixarem os preços dos stands para uma participação coletiva de editores africanos, por exemplo. Formação nos países sobre edição ou ilustração, bolsas para tradução de línguas como o persa ou o árabe para inglês ou espanhol, apoios à co-edição entre editoras de países com uma língua comum são apenas alguns dos pontos indicados. A lei do preço fixo, políticas de leitura pública duradouras e consistentes, assim como a inclusão dos catálogos das editoras independentes nos critérios de aquisição por parte das bibliotecas públicas são outros. A preservação linguística e das culturas locais constituem duas preocupações desta associação que apela ao apoio à edição de livros em línguas minoritárias, assim como à sua aquisição pelas bibliotecas públicas. Estas são apenas algumas das oitenta recomendações da Alliance para a bibliodiversidade, que não se dirigem apenas ao setor público, mas versam igualmente analisar os efeitos nocivos do monopólio da Amazon, e sugerem ainda medidas

para a edição em línguas locais e nacionais e ações para desenvolver parcerias entre editores independentes. Com sede em França, a Alliance tem mais de quatrocentas editoras independentes como membros, oriundas de quarenta e seis países e representadas por seis grupos linguísticos: anglófono, francófono, espanhol, português, árabe e persa. A Orfeu Negro é a única editora portuguesa associada e Carla Oliveira contou-nos um pouco da história da sua entrada. Tudo começou quando a Alliance des Editeurs Indépendents agendou uma reunião em Portugal com o propósito de alargar a secção portuguesa, que já contava com a presença de editores brasileiros, angolanos, guineenses e moçambicanos aos editores lusos. Carla Oliveira participou na reunião que teve pouca adesão. Em resultado do contacto estabelecido nessa altura, o responsável pela secção portuguesa convi-dou-a a estar presente no Congresso da Bibliodiversidade, na Cidade do Cabo, em 2014. Ali, para além de ter participado nos workshops

O pequeno Inventor

- Quando o menino não sabe, pergunta à mãe.
- Ó mãe, quantas rodas tem uma locomotiva?
 - Três de um lado, três do outro, acho eu. São seis ao todo.
 - E quantas rodas tem a carruagem de passageiros?
 - Duas de um lado e duas do outro. Quatro.
 - E o vagão de carga?
 - Deve ser o mesmo que a carruagem de passageiros.



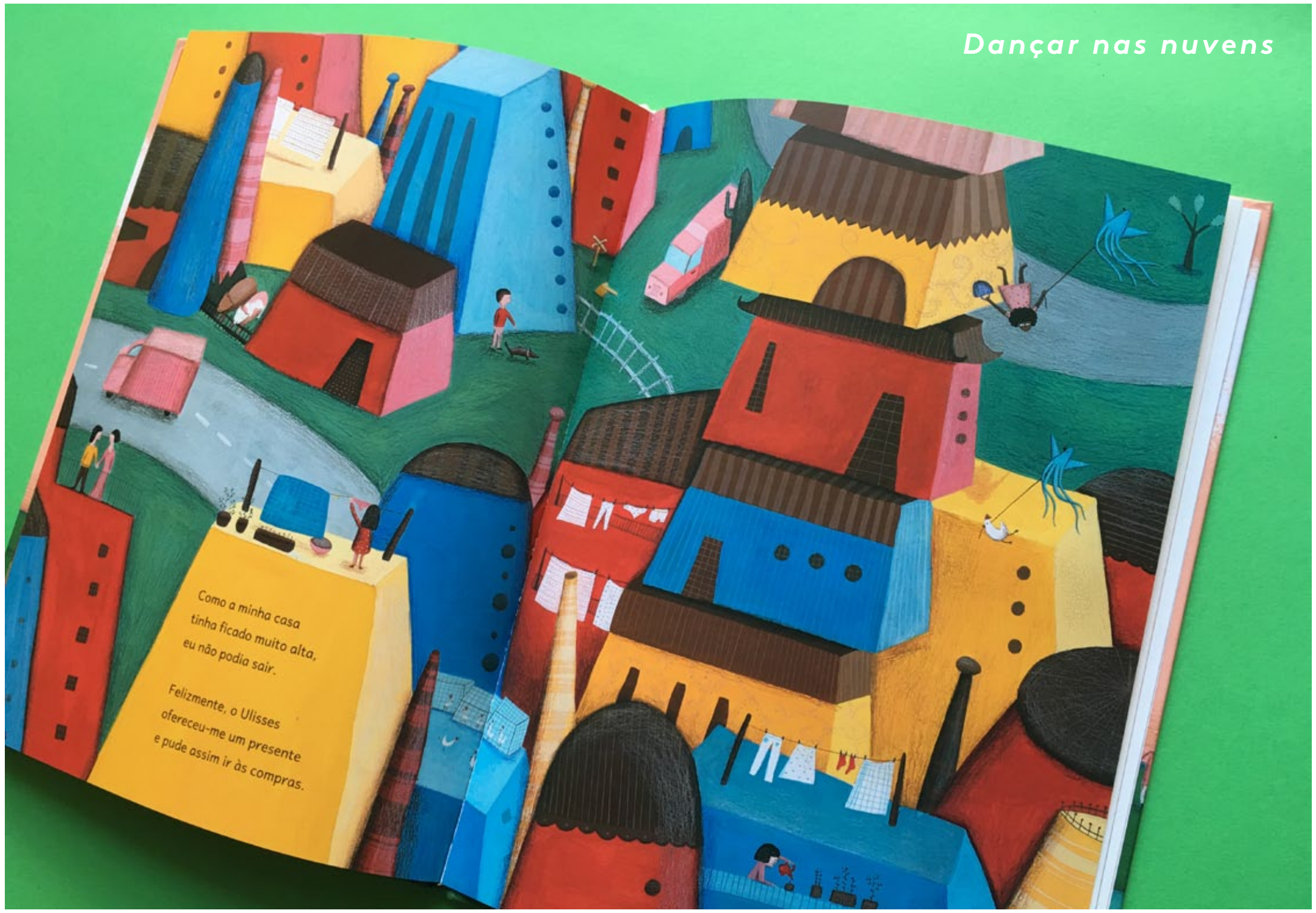
em grupos mais pequenos, a editora pôde assistir à assembleia onde foram vários os coletivos e editores a apresentar reflexões de acordo com a sua realidade: a censura na África do Sul ou a bibliodiversidade e as políticas do livro nos países da América Latina. De lá, Carla Oliveira regressou como associada da Alliance. O que mudou, em termos práticos? «A associação com a Alliance fez-me conhecer novos mercados como na Primavera dos Livros no Rio de Janeiro onde alarguei a rede de contactos com outros editores brasileiros. Foi importante não só para conhecer outras editoras mas também para dar a conhecer a Orfeu Negro, com uma banca apoiada pela Alliance.» Nos Encontros de Paris, onde estive em 2016 e regressará em 2017, Carla Oliveira reencontrou editores já conhecidos e teve acesso a experiências radicalmente distintas. «A editora das Edicions Malgash, de Madagáscar, explicou que quer editar livros bilingues, em francês e malgash mas para isso só consegue fazer álbuns de capa mole com 16 páginas (metade do tamanho normal) por causa dos cus-

tos. Aposto nos autores locais, nem sequer tem verba para chegar a outros, mas para isso também é preciso que eles tenham alguma formação. Como se resolve um problema destes? Andámos ali às voltas imenso tempo a pensar nisso.» Outro aspeto que a Alliance promove são preços mais favoráveis na compra de direitos entre as editoras associadas, tanto quanto a coedição. Carla Oliveira beneficiou desta diretriz quando Mariana Warth, da brasileira Pallas lhe mostrou um livro que lhe interessou comprar. «É um preço de amigo. A Mariana facilitou a compra dos direitos e eu farei o mesmo se for ao contrário.» Para a editora da Orfeu Negro faz todo o sentido integrar a Alliance: «De uma forma pouco expressa em termos de discurso, quando fizemos *O Pequeno Inventor* ou o *Migrando*, ou quando apostamos em formatos diferentes a intenção também é chegar a essa bibliodiversidade. Estar em contacto com realidades e necessidades completamente diferentes e que nem imaginamos torna-me mais consciente da importância da diversidade.»

Dançar nas nuvens

Como a minha casa
tinha ficado muito alta,
eu não podia sair.

Felizmente, o Ulisses
ofereceu-me um presente
e pude assim ir às compras.



Nas editoras independentes, que alimentam grande parte do mercado do álbum de recepção infantil, encontramos alguns fenómenos de resistência à tendência unificadora.

10 livros diversos editados em Portugal

Tanto, Tanto

Trish Cooke, Helen Oxenbury
Gatafunho

Como se percebe logo pela capa, o menino não é caucasiano. A narrativa nada tem que ver com paradigmas de racismo ou de diferença. Pelo contrário, a sua estrutura repetitiva dá conta da chegada de vários elementos de uma família que se juntam numa festa de anos.



2 *A surpresa de Handa*

Eileen Browne
Caminho

Mais uma vez, um álbum de estrutura repetitiva que descreve uma viagem de uma aldeia a outra, em plena savana africana. A representação das habitações e do vestuário anda a par da da fruta ou dos animais, num livro de contar.



3 *Dançar nas Nuvens*

Vanina Starkoff
Kalandraka

A transformação de uma aldeia numa cidade cheia de música, artesãos e agitação acompanha o desejo de uma menina de dançar com as nuvens. A música representa a diversidade de culturas, entre quatro habitantes nas suas casas. Ninguém nos diz quem é quem, apenas os vemos na sua intimidade e diferença.



4 *O Pequeno Inventor*

Hyun Duk & Cho Mi-Ae
Orfeun Negro

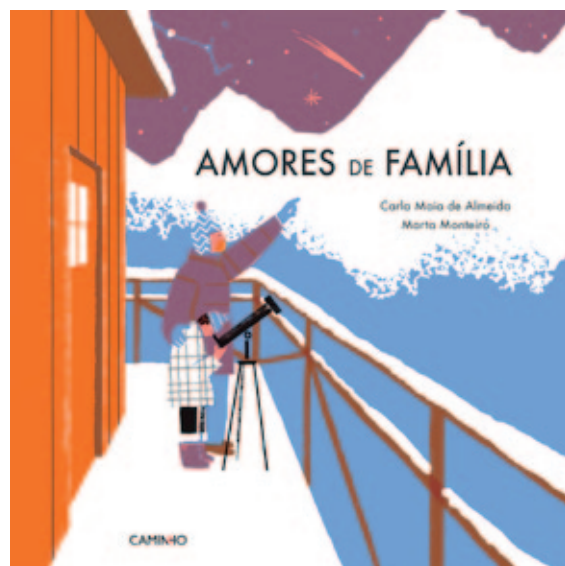
O texto é mais antigo, as ilustrações são recentes. O Pequeno Inventor é um álbum sul-coreano sobre a construção, em papel, de um comboio, por um menino, com ilustrações figurativas que re-presentam uma realidade do país asiático.



5 *Amores de família*

Carla Maia de Almeida, Marta Monteiro,
Caminho

Nesta composição de famílias, conjugando deuses greco-romanos entre si, há lugar para pai e mãe com filhos, avós com netos, pai e pai, mãe e mãe, só mãe, filhos e enteados, tios e tias, filhos bio-lógicos e não só. Cada modelo vive numa zona distinta do mundo, alargando assim estas possibilidades a uma escala planetária.



6 *Todos fazemos tudo*

Madalena Matoso
Planeta Tangerina

É um álbum sem texto em que as páginas têm um corte horizontal possibilitando múltiplas combinações entre uma acção e quem a pratica, de conduzir um tractor a fazer compras no supermercado, de contar uma história a preparar uma refeição, de jogar à bola ou passear a avó numa cadeira de rodas. Todos podem mesmo fazer tudo, independentemente da idade, género ou cor da pele.



7 *O livro negro das cores,*

Menena Cottin
Rosana Faria
Bruaá

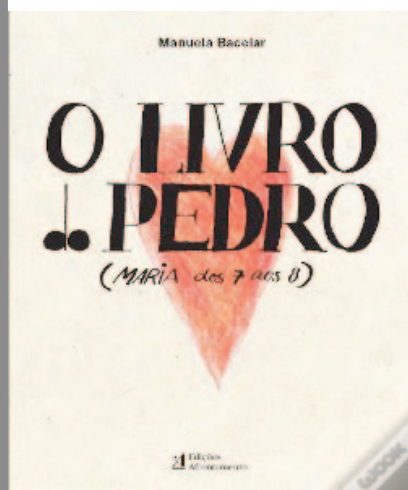
Este álbum, todo a negro, descreve as cores através do tacto. Para além do texto também estar escrito em braille, a textura de cada elemento (os morangos, as folhas, o papagaio de papel...) permite uma viagem sensorial para leitores invisuais e leitores que vêem, sem qualquer discriminação.



O livro do Pedro

Manuela Bacelar
Afrontamento

A história da infância de Maria, agora adulta, é narrada à filha. Uma história de memórias felizes na companhia dos seus dois pais, Pedro e Paulo, que em tudo se assemelha a qualquer outra. As cores fortes e as expressões de carinho das personagens garantem essa dimensão, reforçando um quotidiano com visitas aos avós ou passeios no parque.



A Senhora Frederica

Heinz Janisch, Helga Bansch
Livros Horizonte

A história de uma vizinha que contava histórias e quase tinha poderes mágicos e que se transforma numa senhora frágil muito idosa a quem o narrador visita e reconta as histórias que um dia ela lhe havia contado. Com um discurso delicado e simples, a relação entre gerações é apresentada sem esconder o que é a velhice.



Emigrantes

Shaun Tan
Kalandraka

Este é o álbum paradigmático da bibliodiversidade porque todos os leitores passam pela mesma experiência de estranhamento sobre o outro, que é a língua, o espaço, os hábitos. Mais do que a actualidade do tema, este é um livro intemporal e universal que tem história e futuro dentro. E esperança.



and the winner is...

Alejandro Palomas é o vencedor do Prémio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil de 2016 atribuído anualmente pelo Ministerio de Educación, Cultura y Deporte de Espanha. A obra vencedora, *Un Hijo*, é a segunda narrativa de uma trilogia que o autor catalão terminou em 2016. Polifónica, a novela é sempre contada na primeira pessoa, variando o narrador. A intriga centra-se num rapaz e na forma como se entrecem as suas relações familiares e sociais.



Alejandro Palomas



**VISITA
GUIADA**

ANDREIA
BRITES

Um escritório, duas livrarias...

O escritório da Bruaá fica num rés do chão de uma rua estreita e antiga, no centro da Figueira da Foz. Para ali foram Miguel Gouveia e Cláudia Lopes em 2009 quando o apartamento onde vivem deixou de comportar livros e mais livros, um ano depois de criarem a editora. Desde o início que são apenas os dois e entre eles dividem tudo. Quando Cláudia trata de pagamentos e faturas enquanto por exemplo recupera um livro digitalmente, Miguel empacota ou desempacota encomendas, vai aos correios ou trata da venda de direitos. Para além do número de títulos editados, o que mudou ao longo destes oito anos foram as duas livrarias que agora também assumem, uma no Centro de Artes da Figueira da Foz, outra em Coimbra, no Convento de S. Francisco.

O espaço é pequeno, assim que entramos estamos na sala onde ambos trabalham, frente a frente. Na parede, entre as duas janelas que ladeiam as secretárias, expõem-se alguns dos livros da editora. Sem nenhum critério especial. Não são os grandes sucessos, como **A árvore generosa** (Shel Silverstein), **Eu espero** (Davide Cali e Serge Bloch) ou **O Ponto** (Peter Reynolds), nem os riscos quase irrecuperáveis como **Um nome para o cão** (Ivan Chermayeff).

Miguel Gouveia confessa que é impossível prever a re-

ceção que os livros terão antes de chegarem ao mercado. Por muita experiência que se tenha, há sempre uma grande incerteza, especialmente quando se trata de livros pouco ou nada comerciais, como acontece com o catálogo da Bruaá. A estante ao lado da secretária de Cláudia revela parte da origem desse catálogo: ali encontramos diversos livros infantis antigos que os editores procuram e compram online. O design é outra das paixões de ambos e tentam encontrar obras que conjuguem identidades gráficas e narrativas textuais e visuais originais. Ambos dedicam parte significativa do seu tempo a pesquisar e, muitas vezes, perante um texto que gostariam de editar, é preciso escolher o ilustrador. Quando decidem com quem querem fazer determinado livro, esperam por ele. Na Bruaá não há concessões e isso custa tempo e dinheiro à editora. Mas é também graças a estes projetos originais que a Bruaá pode depois vender direitos a nível internacional.

Quando perguntamos a Miguel se são eles, editora, quem se distribui, o editor afirma que sim. Uma editora de pequena dimensão não sobrevive com as margens que tem de dar a uma distribuidora, às quais se somam as das livrarias. E o armazém, onde é?

... e um armazém

Perante a pergunta, desvenda-se a verdadeira dimensão do escritório. Estamos num apartamento, cujas portas fechadas não o indiciavam. Nos dois quartos empilham-se caixotes de livros, alguns com novas impressões, outros com encomendas para enviar para as livrarias, outros ainda com devoluções. Um desumidificador trabalha sem parar. Nas prateleiras do roupeiro encastrado há livros para limpar. Miguel Gouveia explica-nos que todos os livros que regressam das livrarias são limpos, seja para os livrar das marcas dos autocolantes, seja para eliminar vestígios do manuseamento. «Quando recebo um livro gosto que esteja limpo», assume. No outro quarto há um mini-estúdio onde se fotografam os livros para o site a par de restos de edições, exemplares limpos e outros estragados. De entre o conjunto de títulos de outras editoras que se encontram noutra estante, há alguns que Miguel Gouveia leva às escolas para exemplificar todo o processo de criação e construção do livro, da ideia inicial, passando pela maquete, ao produto final. Mostrar livros com formatos distintos faz parte dessa oficina. Regressamos ao escritório que é, afinal, uma sala. Miguel afasta os estores por trás da sua secretária

e como que por magia aparece uma cozinha. A sua bancada é preciosa neste processo: ali se embalam e desempacotam livros, colam etiquetas, limpam exemplares. Também se pode beber um café ou um chá.

Às vezes aparecem os sobrinhos, principalmente nas férias. Nessa altura traz-se a secretária que está num dos quartos e eles ali ficam a ler e a desenhar. Os produtos estão afixados na parede, ao lado de uma ardósia que pretende ser um quadro de planificações várias. «É mais por descarrego de consciência...»

Já estamos em plena hora de almoço. Ambos os editores têm de correr, e em direções diferentes. Miguel vai abrir a livraria em Coimbra e Cláudia a da Figueira. Apressamo-nos a sair. Mas, em frente à porta um conjunto de reproduções de fotografias a preto e branco chamam-nos a atenção. Miguel trouxe-as de Paris, são do icónico fotógrafo Robert Doisneau. Todas representam a infância com uma dignidade discreta, séria, respeitosa. Na Bruaá não há condescendência.

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA









JOOST
SWARTE



PARA

POR AVIÃO



Domingos Tavares, arquitetos, ida.

Original

Factura FA 2017/9

Livraria Convento de S. Francisco
Brasão - Edição e Design, Unipessoal Lda.
Rua Dr. Santos Rocha, 17 - R/C
Figueira da Foz
3080-124 Figueira da Foz

EU ESPERO

rem/Davide Cal!
e Serge Block

**CORREIO
URGENTE**

Al.
ors

os e edições de art
ditions

SERRAVES
he Collection

163207

Carvala



DE: Cardina
PARA: MIGUEL

Passarinho



DE: Cardina
PARA: Cláudia

TALVEZ

...





- Casa de espíritos
- Milton Glaser
- Pacinow Claude Roy + Saki
- Transportadora nova!
- Portes pla livrarias + Sita
- Fater pasters!

Tuolati: Embelky + If
Zorro - Regresso
Groundwood - Regresso
Toile - Casa Voor
Enchanted - If
Planta - Amigos
China - Dia bonos
Regresso
Corraini - If
Helium - If









É o mundo como o vemos? Será muito provavelmente uma das questões fundadoras do pensamento filosófico. Desde a alegoria da caverna de Platão à pós modernidade reflete-se sobre a universalidade do real e sobre a sua representação, associada a conceitos como verdade, objectividade e subjectividade, moral ou razão, entre muitos outros.

O exercício proposto por Brendan Wenzel no seu álbum *Todos eles viram um gato* desafia o leitor a aceitar inúmeras representações subjectivas de um felino, não apenas segundo as características ópticas dos animais que o vêem mas também de acordo com os juízos que tecem acerca da sua identidade na relação consigo.

Dimensão, cor, forma e semblante dependem do contexto do observador. Se é menor, como acontece com o rato, o gato parece enorme. Mas não só, o gato é o seu cruel carrasco e a imagem que o rato tem dele provoca-lhe o maior terror. Já o peixe, que o observa através da parede do aquário, terá uma imagem desfocada. O pássaro observa-o do céu e ali parece seguro, a uma distância confortável. Cada animal que o vê acrescenta algo a essa figura, ou põe em causa a visão de outro. Assim se supõe que aconteça com cada indivíduo quando



descobre a diferença e a semelhança, a complementaridade e a associação ao longo da vida, na sua aprendizagem quotidiana do mundo.

Ao mesmo tempo que apresenta uma problemática tão basilar do pensamento universal o álbum transforma-se numa experiência óptica que não se esgota na perspectiva. A cor e o preto e branco, a pixelização, a disformidade, o preenchimento do espaço, tudo é partilhado com o leitor num convite à sugestão: a de sempre reconhecer o gato, apesar das diferenças. Para isso, há um compasso ternário que marca o início de cada ciclo, para recentrar o protagonista num lugar possivelmente neutro. Essa cadência que se repete a cada três novas representações não permite que o álbum se percorra num vórtice de surpresas visuais. Ao contrário, recupera uma melodia poética, como se de um refrão se tratasse.

O final fecha o álbum acrescentando uma dúvida essencial: a nossa observação não sofre de limitações apenas no que concerne aos outros. A nossa perspectiva de nós mesmos também não é universal nem tão pouco absoluta. É até quase certo que mais ninguém nos veja como nos vemos a nós próprios. Sem esse mosaico que são os olhares plurais, o mundo seria um lugar muito monótono.



ESPELHO MEU

Jimmy Liao, Kalandraka

O que Jimmy Liao traz ao universo da literatura infantil editada em Portugal é uma melancolia única. Nenhum outro autor cria episódios oníricos tão dotados de uma consciência da finitude. Impossibilidade, acaso, encontro, experiência, alegria, contemplação, transformação, inevitabilidade poderiam constituir um léxico essencial para descrever as suas narrativas, escritas e visuais.

Noite estrelada é paradigmático dessa beleza contida. A economia textual encerra a força das palavras proferidas pela narradora, sem alarde nem drama. Tudo parece sussurrar, mesmo as mais desconcertantes das afirmações: «Adoro a minha mãe e ela adora-me. Mas ela não me compreende, e também não me parece que eu a compreenda.», «O meu pai está sempre ao telemóvel. Parece que todas as chamadas são vitais. De qualquer forma, não tenho nada para lhe contar, e ele também não parece saber o que me dizer.» Perante a sua solidão inclassificável e o sofrimento da ausência, os espaços ganham vida, como acontece em todos os livros de Jimmy Liao, e assumem o papel de personagens, ora reconfortantes, ora misteriosos na sua imensidão, ora constrangedores e ameaçadores, como os que ganham tentáculos que enleiam e constroem a liberdade. Nesse quotidiano da



vida citadina, algo acontece. Num segundo momento, a menina descobre um par que se virá a revelar um amigo com quem compartilhará uma experiência transformadora. Mais uma vez, é na relação com a natureza que se revela uma dimensão da alma de ambos. E um desejo comum de evasão, motivado por razões distintas. Da viagem que empreendem, regressam em direcções distintas mas a esperança ganha um lugar conquistado.

Não há como contornar a dureza de uma realidade que Jimmy Liao não eufemiza em alegorias ou parábolas. Ao contrário, as ilustrações poderosas em cor, detalhes figurativos e elementos simbólicos potenciam os sentimentos de angústia e infelicidade da menina, através dos contrastes claro/escuro, das expressões faciais ou dos limites do quarto, com gotas de água que atravessam a porta quando os pais discutem.

O título do livro é o mesmo do quadro de Van Gogh e a referência é explícita, assim como a Magritte, cujos quadros pontuam aqui e ali os espaços interiores. A simbiose entre a natureza e a arte transpõe-se, ao modo romântico, para o estado de espírito da protagonista, que assim cria na memória um lugar de identidade e se afasta da artificialidade do mundo.





SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas

José Sara —

saramaguiana

magô

Homem —

—Rio

texto de
apresentação
do livro, lido
na Fundação
José Saramago,
em novembro
de 2016

INÊS
FONSECA
SANTOS

ilustrações
JOÃO MAIO
PINTO



José Saramago – Homem-Rio

As primeiras coisas devem ser feitas em primeiro lugar. Por isso, cabe-me começar por agradecer. Obrigada à Fundação José Saramago e a Pilar del Río por nos receberem e por me terem recebido, a Pilar e o Sérgio Machado Letria, antes de começar a escrever este livro. Obrigada ao André Letria e a toda a maravilhosa equipa da editora Pato Lógico por me acolherem no seu belo catálogo. Obrigada também à INCM, que edita, com o Pato Lógico, a colecção em que está integrado este álbum. Obrigada ao João Maio Pinto por ter transformado este livro num objecto maravilhoso e por ter juntado os seus desenhos às minhas palavras, tornando-as assim mais vastas. E, claro, obrigada, José Saramago.

É sempre difícil um autor falar sobre o que escreve. Normalmente, é-se mau juiz em causa própria. Sobretudo quando se está a pegar no livro que se escreveu pela primeira ou segunda vez, como é hoje o caso. É evidente que um texto só chega ao livro quando um escritor já o sente outro, já o sente de outro. E este texto é mesmo de outro que não eu. Penso nele como um presente de anos para Saramago, e é claro que, apesar de o

ter preparado para Saramago, sempre a pensar em Saramago (é isso que devemos fazer quando oferecemos presentes: pensar sobretudo em quem queremos presentear), só o consigo oferecer porque Saramago já não está aqui para o avaliar. Tremaria de medo se tivesse que mostrar este livro a Saramago. Ou talvez não: o homem que conheci aos 18 anos na Feira do Livro de Lisboa escreveu no meu exemplar de *Provavelmente Alegria* (o único que tinha, naquele momento, dinheiro para comprar): «Para a Inês, com a simpatia do José Saramago». Saramago, diante de quem eu me sentia intimidada (e o escritor ainda nem sequer tinha recebido o Nobel), foi de facto de uma enorme simpatia. Perguntou-me a idade. Perguntou-me por que motivo tinha escolhido aquele livro. Só consegui responder: «Porque gosto muito de poesia e não sabia que tinha um livro de poemas». Para além da história do dinheiro, que guardei para mim, esta também era verdade.

Ora, quando estava a pensar em como resolver o problema de sintetizar em poucas páginas de um álbum para os mais novos uma vida tão preenchida como a de Saramago, resolvi ir ao princípio: ao princípio da minha vida com os livros de Saramago



José Saramago – Homem-Rio

e ao princípio da vida de Saramago. No fundo, estava a cumprir os primeiros versos de *Protopoema*: «Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me aparece solto.» Neste verso, está uma palavra fundamental para se compreender o processo da escrita: «aparece». Dizia-me muitas vezes o Manuel António Pina, citando já não sei quem, que o primeiro verso nos é dado, os outros são conquistados. Primeiro verso ou primeira linha. Se repararmos bem, acontece o mesmo com a vida. O que me apareceu foi, então, esta imagem do Homem-Rio, que posteriormente tive que desenvolver. Nesta tentativa de puxar fios que talvez estejam soltos, de seguir por afluentes deste rio, foram fundamentais *As Pequenas Memórias*, belíssimo registo autobiográfico de Saramago; algumas crónicas autobiográficas; e o volume *José Saramago nas Suas Palavras*, com edição e selecção de Fernando Gómez Aguilera. Estas leituras acrescentam à obra de ficção o pensamento de Saramago, que também está na obra de ficção, é certo, não é possível separar, num autor como Saramago, criação e reflexão. A mim, deram-me pistas para o difícil processo de selecção que tive que fazer: escolher não tanto o que contar,

mas o que deixar de contar.

Até porque – e esta foi a segunda dificuldade que enfrentei quando escrevi este livro – estava a dirigir-me aos mais novos. Que ainda não leram Saramago (talvez tenham lido os livros infanto-juvenis). Que podem nem sequer saber o que foi o 25 de Abril. Que se calhar nem sabem o que é o Nobel. Como falar disto que ainda não conhecem sem ser condescendente e paternalista? É que não há leitores mais exigentes do que as crianças e não há leitores com maior capacidade de espanto e com maior vontade de questionar do que as crianças.

Posso partilhar uma história que me ajudou neste processo. O filho de uns amigos meus, quando eu lhes estava a contar que estava a escrever este livro, perguntou-me quem era Saramago. Disse-lhe que era um dos nossos maiores escritores e que tinha recebido o Nobel da Literatura, um prémio muito importante, o mais importante, aliás. Reacção imediata: «Os escritores também ganham prémios?!»

Foi isto que me fez tentar construir ou reconstruir a casa de Saramago, a da infância, para o tornar mais próximo, e a da literatura,



José Saramago – Homem-Rio

para o tornar mais vasto, para revelar o que pode um escritor, o que consegue um escritor: ir a Marte, por exemplo, sem grandes alaridos; fintar o tempo, sem que se dê conta; manter sempre uma oliveira à porta de casa; plantar uma árvore que dá livros...

Houve ainda um terceiro aspecto que importa sublinhar: ainda hoje é alimentado o equívoco de que um álbum ilustrado para a infância tem um autor em vez de dois. Como rejeito em absoluto essa ideia – texto e imagem contam na mesma medida –, uma das preocupações que tive ao escrever este livro foi o de deixar espaço para os desenhos contarem mais de Saramago, somarem mais imagens às palavras, que tentei que fossem ricas desse ponto de vista. Há o rio, há a casa, há as árvores, há os passeios, há os figos, as pedras, o pau, os avós, os escritores, o mapa que em vão se tenta observar completo... E é extraordinário ver o que o João Maio Pinto fez com todos estes elementos.

Para terminar, resta-me acrescentar que foi uma honra e um prazer poder escrever sobre um escritor assim, sobre um homem assim, com um papel activo e fundamental na nossa vida literária,

editorial, política, cívica... Eu já gostava de ler Saramago; com o que descobri – e isso é a grande vantagem de escrever, a descoberta e a possibilidade de alimentarmos o espanto –, Saramago tornou-se um amigo daqueles por quem desenvolvemos uma paixão benévola e inocente. Como não amar quem tenha escrito as palavras com que escolhi fechar este livro?

Tive um sonho aos sete ou oito anos, que consigo recordar como o sonho mais belo de toda a minha vida. Era um riacho, uma corrente de água, muito transparente, muito límpida; no fundo, umas pedrinhas pequenas, muito brancas; de um lado, numa margem, um campo, um campo de erva; do outro lado, outro campo de erva; e, ao fundo, bosques. Eu, nu, dentro de água, corria em direcção à fonte. Era uma viagem linda.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt

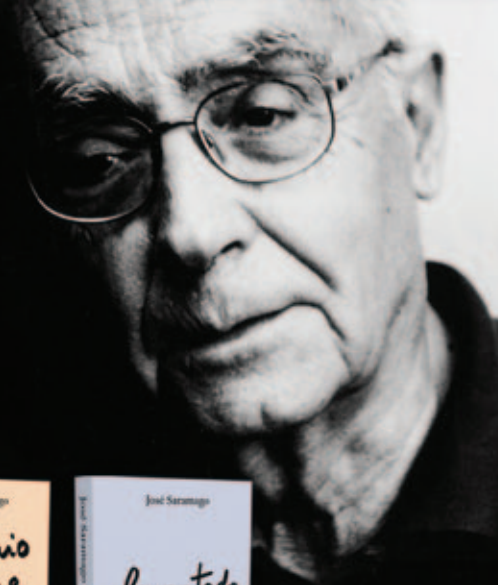


Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org



Prémio Nobel
de Literatura

JOSÉ SARAMAGO



Disponíveis
em fevereiro

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm. Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands – www.acasajosesaramago.com



Al Pantalone **até 26 jan**

Com dramaturgia de Mário Botequilha, *Al Pantalone* é um espetáculo sobre o embuste de um homem que sobre tudo e todos reina, entre a corrupção e a ganância, assumindo o golpe como forma de existir. Lisboa, Teatro Meridional.



Edgar Pera: **Uma** **retrospetiva** **até 4 mar**

Em parceria com a Fundação Serralves, Torres Vedras recebe uma retrospectiva da obra cinematográfica, crítica e plástica de Edgar Pera. Torres Vedras, vários locais.



Oitis 55 – **Um retrato** **do design** **carioca** **até 12 mar**

Exposição que mostra as muitas vertentes do trabalho em rede do Oitis 55, um coletivo de designers que engloba indivíduos e empresas e que tem mudado profundamente a face do design brasileiro. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna.



Demián **Flores.** ***Al final del*** ***paraíso*** **até 2 de abril**

Exposição do artista mexicano cujo trabalho assenta nas linguagens gráficas, inserida na programação de Lisboa 2017 – capital Ibero-Americana de Cultura. Lisboa, Padrão dos Descobrimentos.



Aquí nos ***quedamos,*** ***Salud y*** ***Libertad*** **até 9 abr**

Exposição que reúne trabalhos de vinte artistas de origem cigana, com diferentes nacionalidades europeias, usando a tradicional saudação cigana como título. Madrid, Centro Centro.



janeiro

Horizonte azul-tranquilo

Exposição retrospectiva da obra de Fernando Relvas, autor de banda desenhada, incluindo alguns inéditos. Amadora, Bedeteca da Amadora.

até 29 abr
→



O Livro da Selva

Espetáculo de marionetas a partir do livro homónimo de Rudyard Kipling, pela companhia Títeres Cachirulo. Santiago de Compostela, Teatro Principal.

23 e 24 jan
→



Peter Hugar: A la velocidad de la vida

Exposição de mais de 150 trabalhos do fotógrafo norte-americano, com destaque para os realizados entre as décadas de 50 e 80 do século XX. Barcelona, Fundación MAPFRE.

27 jan a 30 abr
→

Orquestra Clássica do Centro

Concerto de início de ano com uma orquestra que tem desenvolvido trabalho intenso no âmbito da formação de jovens músicos e da divulgação da música erudita na região centro de Portugal. Tondela, ACERT.

28 jan
→



Congresso Internacional Fernando Pessoa

Congresso organizado pela Casa Fernando Pessoa, contando com intervenções de vários especialistas na obra e na biografia pessoais. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

9 a 11 fev
→



José Saramago, entrevista ao *The Observer*, Abril de 2006:

O pintor pinta, o músico faz música, o romancista escreve romances. Mas eu acredito que todos temos alguma influência, não pelo facto de sermos artistas, mas porque somos cidadãos. Enquanto cidadãos, todos temos a obrigação de intervir e de nos envolvermos, é o cidadão que muda as coisas. Não consigo imaginar-me fora de qualquer tipo de envolvimento social ou político. Sim, sou um escritor, mas vivo neste mundo e a minha escrita não existe a um nível separado.